



UNISINOS



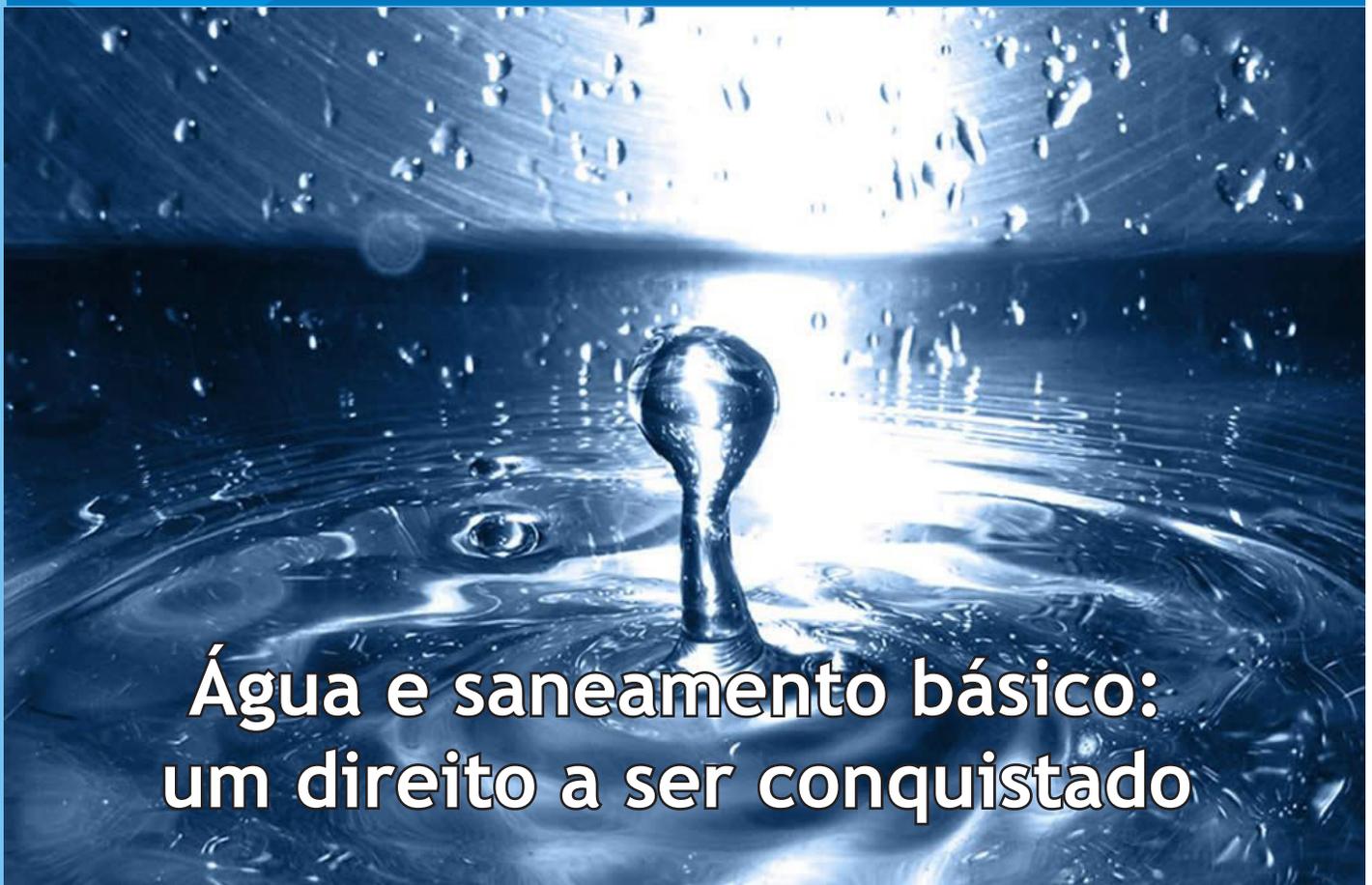
INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



JESUITAS
Missão transformadora.

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



Água e saneamento básico: um direito a ser conquistado

John Anthony Allan

O Brasil é o maior exportador de água virtual do mundo

Dieter Wartchow

Saneamento básico e distribuição de renda andam juntos

Aziz Ab'Saber

O aquecimento é bom para a floresta

E mais:

>> **Waldecy Tenório:**
O filme e a poesia como dádiva

>> **Moisés Sbardelotto:**
“Decálogo” de Kieślowski: o cinema repensando a ética

321

Ano X

15.03.2010

ISSN 1981-8469

Água e saneamento básico: um direito a ser conquistado



A primeira edição da revista **IHU On-Line**, em 2010, discute o tema da água e o saneamento básico, tendo em vista o dia 22 de março, Dia Mundial da Água, que será comemorado, neste ano, com “a fila mais longa do mundo para ir ao banheiro”, promovida por várias ONGs, como parte da campanha global para destacar a terrível situação de aproximadamente 2,5 bilhões de pessoas que ainda carecem de saneamento adequado no mundo.¹

Contribuem na discussão especialistas de diversas áreas como **Colin Chartres**, diretor do Instituto Internacional de Gerenciamento de Água, cuja sede é no Sri Lanka; **John Anthony Allan**, professor no King's College de Londres; **Gerônimo Rocha**, geógrafo, da Coordenadoria de Recursos Hídricos da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo; **Raul Pinho**, presidente do Instituto Trata Brasil; **Aziz Ab'Saber**, geógrafo, professor emérito da USP; **Wagner Ribeiro**, professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP; **Dieter Wartchow**, professor no Instituto de Pesquisas Hidráulicas - IPH, da UFRGS; **Délton Winter de Carvalho**, professor no Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, RS; **Paulo Varella**, diretor da Agência Nacional de Águas - ANA; e **Evaristo Miranda**, da Embrapa Monitoramento por Satélite.

Nesta semana, inicia-se a densa e variada programação da Páscoa IHU 2010. Literatura, poesia e teologia estarão sendo debatidos pelo Prof. Dr. **Waldecy Tenório**, PUC-SP. Nesta edição, pode ser lida a entrevista que concedeu à **IHU On-Line**, onde ele explica o conceito de teopoética. Faz parte da mesma programação a exibição e o debate do *Decálogo* de **Kieślowski**. Moisés Sbardelotto, colaborador do **IHU**, onde é responsável-técnico da Fundação Ética Mundial, no artigo “O cinema repensando a ética”, introduz a importante obra do proeminente cineasta europeu. E sobre ela também publicamos uma entrevista com **Marcus Mello**.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

¹ Para saber mais confira as Notícias do Dia de 23-02-2010, clicando em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=30038 (Nota da **IHU On-Line**)

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Wagner Costa Ribeiro: Água: vital para a reprodução da vida no planeta

PÁGINA 07 | Aziz Ab'Saber: O aquecimento é bom para a floresta

PÁGINA 09 | Colin Chartres: Por um uso mais cuidadoso da água

PÁGINA 11 | Gerônimo Rocha: Gestão das águas: um campo de permanente tensão

PÁGINA 13 | Délton Winter de Carvalho: A água como objeto de tutela e controle jurídico

PÁGINA 15 | Dieter Wartchow: Saneamento básico e distribuição de renda andam juntos

PÁGINA 18 | Paulo Varella: Brasil: um dos maiores reservatórios de água doce do mundo

PÁGINA 20 | Raul Pinho: Saneamento no Brasil: perspectiva de todos os brasileiros atendidos em 20 anos

PÁGINA 22 | John Anthony Allan: O Brasil é o maior “exportador” de água virtual do mundo

PÁGINA 24 | Evaristo de Miranda: “A água é exótica ao nosso planeta. Pelo menos na origem”

B. Destaques da semana

» Coluna do Cepos

PÁGINA 28 | Valério Cruz Brittos: Desafios econômico-políticos da televisão brasileira

» Destaques On-Line

PÁGINA 30 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Sala de Leitura

» Agenda de Eventos

PÁGINA 35 | Marcus Mello: O Decálogo de Kieślowski e o debate sobre os Mandamentos

PÁGINA 37 | Waldecy Tenório: O filme e a poesia como dádiva e ressurreição

PÁGINA 40 | Moisés Sbardelotto: “Decálogo” de Kieślowski: o cinema repensando a ética

» IHU Repórter

PÁGINA 42 | João Zani



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



Água: vital para a reprodução da vida no planeta

Wagner Costa Ribeiro reconhece que há situações onde predominam os interesses dos grandes usuários de água, que são principalmente as empresas de saneamento básico

POR GRAZIELA WOLFART

“**A** questão da escassez tem que ser vista da seguinte forma: existe água em abundância no planeta? Sim. Existe água com qualidade? Sim. Existe água em abundância, com qualidade onde é necessário? Em alguns lugares, não. A dificuldade é a distribuição política da água. É fazer essa água estar junto aos agrupamentos humanos, sem a fonte estar contaminada. Então, se isso não ocorrer, a água se torna um bem raro, portanto, uma mercadoria mais cara”. A reflexão é do professor Walter Costa Ribeiro, autor do livro *Geografia Política da Água* (São Paulo: Editora Annablume, 2008). Na entrevista que segue, concedida, por telefone, à **IHU On-Line**, ele lembra que hoje, em países pobres, inclusive em parte do Brasil, a maior parte das internações hospitalares ocorre em função da contaminação a partir da água. “São populações que sofrem doenças a partir da água. Em vez da água ser uma substância para repor elementos importantes para a vida, ela acaba se transformando num vetor de doença”.

Geógrafo e doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - USP, Wagner Ribeiro é professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP. Obteve a livre docência também na USP, e realizou estudos de pós-doutorado na Universidad de Barcelona. É coordenador do Grupo de Pesquisa de Ciências Ambientais do Instituto de Estudos Avançados da USP. Além da obra já citada, é autor de outros livros, entre os quais citamos *A ordem ambiental internacional* (São Paulo: Contexto, 2001). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que sentido podemos pensar na água como fonte de riqueza? Como entender que a água é vista como mercadoria em escala internacional?

Wagner Costa Ribeiro - Ela é vista como fonte de riqueza porque é um insumo fundamental para a produção agrícola e industrial, mas é, principalmente, uma substância vital para a reprodução da vida no planeta, inclusive da espécie humana. A água já é vista como mercadoria em alguns países do mundo, inclusive no Brasil, pois se cobra por ela, não apenas pelo serviço de coleta, tratamento e distribuição, mas também pela própria água.

IHU On-Line - A justificativa para essa cobrança é a escassez?

Wagner Costa Ribeiro - A questão da escassez tem que ser vista da seguinte

forma: existe água em abundância no planeta? Sim. Existe água com qualidade? Sim. Existe água em abundância, com qualidade onde é necessário? Em alguns lugares, não. A dificuldade é a distribuição política da água. É fazer essa água estar junto aos agrupamentos humanos, sem a fonte estar contaminada. Então, se isso não ocorrer, a água se torna um bem raro, portanto, uma mercadoria mais cara.

IHU On-Line - O que podemos entender pelo conceito defendido pelo senhor na obra *Geografia Política da Água*?

Wagner Costa Ribeiro - A geografia política da água procura estudar justamente, de que maneira, a apropriação da água pela espécie humana ocorre ao longo dos tempos. Isso tem que ser analisado da seguinte maneira: nós te-

mos estoques de água naturais, sejam subterrâneas ou que correm nos rios, e isso aconteceu por processos naturais. Porém, a apropriação dessa água ocorre por processos históricos, sociais, políticos, que envolvem trocas comerciais, guerras, domínios territoriais. *Geografia Política da Água* procura mostrar de que maneira ocorreu a apropriação desses recursos naturais, no caso, a água, a partir dos processos históricos. Muitas vezes, infelizmente, com conflitos ou com trocas comerciais desiguais.

IHU On-Line - Quais as consequências sociais e ambientais do acesso desigual aos recursos hídricos no planeta?

Wagner Costa Ribeiro - As consequências sociais são as mais relevantes, embora hoje podemos falar mais em

“Dia 18 de abril, haverá uma corrida de rua no mundo inteiro, de seis quilômetros, para justamente chamar a atenção de que a distância média que as pessoas percorrem para conseguir água potável é de seis quilômetros”

consequências socioambientais. Mas a situação é mais grave do ponto de vista social, pois, hoje, em países pobres, inclusive em parte do Brasil, a maior parte das internações hospitalares ocorre em função da contaminação a partir da água. São populações que sofrem doenças a partir da água. Em vez de a água ser uma substância para repor elementos importantes para a vida, ela acaba se transformando num vetor de doença. O problema é que o acesso à água ainda é desigual. Dia 18 de abril, haverá uma corrida de rua no mundo inteiro, de seis quilômetros, para justamente chamar a atenção de que a distância média que as pessoas percorrem para conseguir água potável, muitas vezes, abastecendo a lata d'água que carregam na cabeça, é de seis quilômetros. Do ponto de vista ambiental, a principal consequência é a introdução de elementos estranhos na água, no caso, a contaminação. Isso acontece pelo uso intensivo na agricultura, pelo uso intensivo de agrotóxicos que acabam contaminando a água, e também o processo de industrialização, que usa a água como insumo para a produção e depois não trata a água antes de devolvê-la para o rio. A espécie humana também tem sua parcela importante, porque, no caso brasileiro, principalmente, nós ainda não tratamos o esgoto, que acaba sendo uma fonte de contaminação da água também.

IHU On-Line - Que cenário podemos vislumbrar a curto prazo a partir de crises localizadas de falta de água? Fala-se até em guerras futuramente envolvendo a disputa pela água...

Wagner Costa Ribeiro - Quando se fala em guerra por água, é importante lembrar que já houve, no passado, situações de tensão extrema,

que levaram à confrontação. Guerra não significa necessariamente a confrontação armada, pode ser uma relação hostil, uma troca de tensão etc. Às vezes, declarações tensas já são interpretadas como um conflito. Então, já tivemos conflitos pela água e certamente teremos outros. E aí já temos áreas apontadas e conhecidas como de tensão. A mais grave no planeta hoje é a zona entre Palestina e Israel. E também temos a fronteira entre México e Estados Unidos.

IHU On-Line - Em que medida a crise da escassez de água afeta a questão do saneamento básico?

Wagner Costa Ribeiro - A relação é direta. Se não tivermos a capacidade de tratar o esgoto, estaremos contaminando os rios. As pessoas gostam muito de utilizar tinta no cabelo, passar xampus diferentes, e esquecem que, depois, isso tudo é levado pela água, vai se concentrar em larga escala, e em metrópoles como Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, com milhões de habitantes jogando esses insumos na água, imagine a contaminação que isso gera, só para falar da questão do esgoto.

IHU On-Line - Como fazer com que as políticas públicas beneficiem o uso coletivo e igualitário da água?

Wagner Costa Ribeiro - Temos hoje os comitês de bacia que deveriam ser o instrumento de determinação do uso da água a partir dos planos de bacia hidrográfica. Em algumas regiões do país, isso já está mais avançado, e, em outras, não está. Há muito desequilíbrio no Brasil em relação a essa questão. Infelizmente, há situações onde predominam os interesses dos grandes usuários de água, que são principalmente as empresas de saneamento básico.



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

O aquecimento é bom para a floresta

Para o renomado geólogo brasileiro Aziz Ab'Saber quanto mais aquecimento, mais evaporação e mais umidade. E quanto mais umidade entrar para o lugar que cria matas atlânticas, teremos menos depredação da vegetação, dos ecossistemas das florestas tropicais e atlânticas do Brasil

POR GRAZIELA WOLFART

Convicto de que o aquecimento global não depreda as florestas, mas contribui para seu crescimento, o geólogo Aziz Ab'Saber, em entrevista, por telefone, à **IHU On-Line**, confessa que “quando eles começaram a falar nos jornais que o aumento da temperatura ia derruir a Amazônia e derruir o sudeste do Brasil até o Rio Grande do Sul, eu fiquei desesperado com a estupidez. E o tempo está mostrando: quanto mais calor, mais umidade, mais penetração”. Para ele, Marina Silva conhece mal o Brasil, e “não teve a possibilidade de fazer uma política ambiental que pudesse abranger do norte da Amazônia, de Roraima, até o Rio Grande do Sul, ou do Rio Grande do Norte até o Brasil Central. Ela cuidou muito bem de assuntos do Acre”. Sobre a transposição do Rio São Francisco, Ab'Saber destaca: “os governantes acharam que transpondo águas do São Francisco iam resolver o problema da água no Nordeste. Pois a transposição foi transformada em bandeira eleitoreira, e até agora não foi feita”. E sobre a situação da escassez de água e do saneamento no Brasil, ele define: “o problema do desenvolvimento demográfico e do uso incorreto das águas em grandes cidades brasileiras é um dos mais sérios problemas que o país tem em termos de saneamento básico”.

Aziz Nacib Ab'Saber, 85 anos, é geógrafo e professor universitário brasileiro considerado referência em assuntos relacionados a impactos ambientais e meio ambiente. Laureado com as mais altas honrarias científicas nacionais e internacionais em Ecologia, Geologia e Arqueologia, é membro honorário da Sociedade de Arqueologia Brasileira. É também presidente de honra da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e professor-honorário do Instituto de Estudos Avançados da mesma universidade. Embora tenha se aposentado compulsoriamente no final do século XX, mantém-se em plena atividade no século XXI. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor pode fazer uma análise da política ambiental brasileira nos últimos oito anos? Quais os principais avanços, fracassos e limites?

Aziz Ab'Saber - Pelo que tenho acompanhado dia-a-dia nos jornais, a política ambiental brasileira é muito irregular. Nesses últimos oito anos, nós tivemos a dona Marina Silva,¹ que é uma pessoa

extraordinária, fala bem, mas conhece mal o Brasil. Então, não teve a possibilidade de fazer uma política ambiental que pudesse abranger do norte da Amazônia, de Roraima, até o Rio Grande do Sul, ou do Rio Grande do Norte até o Brasil Central. Ela cuidou muito bem de assuntos do Acre. Depois dela veio o Minc,² um homem de ONGs. E as

Line, intitulada “O crescimento dever ser um instrumento para o desenvolvimento”, publicada no sítio do IHU em 29-01-2010 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=29415 (Nota da IHU On-Line)

² Carlos Minc Baumfeld (1951): político e economista brasileiro. Atualmente é mi-

ONGs, como se sabe, nesse país, são organizações ditas não-governamentais, mas o que elas desejam sempre, através de seus líderes, é transformar-se em governamentais. Nesse sentido, as ONGs têm focos específicos, projetam-se para certos temas e também não entendem de fatos mais integrados relacionados com as diferentes regiões do país. E têm surgido grandes erros por parte dos administradores. Eu não quero fazer críticas pessoais, mas, do ponto de vista do governo federal, é lamentável o que tem acontecido.

nistro do Meio Ambiente do governo Lula. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Como o senhor vê a transposição do Rio São Francisco?

Aziz Ab'Saber - Os governantes acharam que transpondo águas do São Francisco iam resolver o problema da água no Nordeste. Pois a transposição foi transformada em bandeira eleitoreira, e até agora não foi feita. A gente sabia que ia acontecer esse problema. Além disso, o governo teimou em dizer que ia resolver o problema do semiárido na sua área total e para sua população total. Isso não é verdade. E eu chamei a atenção para o fato de que, no nordeste, existem dois períodos bem diferenciados: um período muito seco, com pouquíssima evaporação, no qual o lençol freático desce muito, e, além disso, durante seis meses, os rios ficam secos, o lençol de água vai se infiltrando abaixo do nível do leito dos rios. O nordestino sabe que sobra um pouco de água embaixo das areias do leito seco, mas são assuntos que precisam ser percebidos. Por exemplo, a fase muito seca é que precisa de mais água retirada do Rio São Francisco, já a fase chuvosa não precisa tanto. Mas tem um problema: a fase mais seca significa menos água para as grandes usinas hidrelétricas. Então a coisa é mais séria do que os governantes dizem para o povo, e que a mídia depois expõe de um modo não muito correto.

IHU On-Line - O senhor pode explicar suas razões para justificar por que o aquecimento é bom para a floresta?

Aziz Ab'Saber - O aquecimento na região de área tropical já é um fato. Aqui, em São Paulo, no começo do século passado, a temperatura média era de 18,6°C, segundo os informes obtidos por uma pequena estação meteorológica particular. E hoje é de 20,8°C. Isso quer dizer que, na região de São Paulo, considerada isoladamente, o aquecimento foi muito grande, em termos médios. Por outro lado, o aquecimento nas cidades de certas bacias urbanas, de redes urbanas bastante amplas, também aumentou um pouco mais, mas não tanto como na cidade de São Paulo. E, levando-se em conta o desmatamento muito grande que houve no estado de São Paulo,

“A coisa é mais séria do que os governantes dizem para o povo, e que a mídia depois expõe de um modo não muito correto”

que não possui mais de 8% de matas preservadas exatamente na serra do mar, mas para dentro dos planaltos, onde existem vários tipos de agriculturas e de vida agrária importante, certamente houve um aquecimento. Eu tenho chamado a atenção para dizer que o aquecimento é uma realidade e que pode ocorrer ao longo de 100, 200, 300 anos, e pode provocar realmente um aumento do nível dos mares nas zonas costeiras brasileiras. Isso me deixa bastante preocupado com as cidades que estão em planícies rasas. E enfatizo que, quanto mais calor, mais evaporação, e isso é o mais importante de tudo: quanto mais evaporação, mais entrada de umidade para essa faixa atlântica que é conhecida sempre sob o nome genérico de matas atlânticas. Então, quanto mais umidade entrar para o lugar que cria matas atlânticas ao longo desse trecho que vem desde o sudeste do Rio Grande do Norte até o sudeste de Santa Catarina, menos depredação da vegetação, dos ecossistemas das florestas tropicais e atlânticas do Brasil. Isso é lógico. Quando eles começaram a falar nos jornais que o aumento da temperatura ia derruir a Amazônia e derruir o sudeste do Brasil até o Rio Grande do Sul, eu fiquei desesperado com a estupidez. E o tempo está mostrando: quanto mais calor, mais umidade, mais penetração.

Anos anômalos

Só que é preciso saber também que existem anos mais complexos, mais anômalos. De 12 em 12 anos, de 13 em 13, ou de 26 em 26 anos, há períodos extremamente complicados do ponto

de vista da dinâmica climática. Basta lembrar o caso do nordeste de Santa Catarina, que eu estudei com cuidado quais foram as épocas de mais chuvas lá, e dá exatamente de 13 em 13 ou de 12 em 12 anos. Então, fiz um trabalho, que já está publicado no Instituto de Estudos Avançados da USP, que pode ser encontrado no site da Scielo³. Ali se pode ler o que eu deduzi sobre Santa Catarina. A conclusão foi bastante séria. Eu disse que se os governantes que conheceram a tragédia de Santa Catarina não fizerem obras e projetos adequados para melhorar ou minimizar os efeitos das grandes precipitações da serra catarinense, com descida das águas para Blumenau e para o Vale do Itajaí nos próximos dez anos, antes que venha outro ano anômalo, vão acontecer tragédias de maior consequência. E isso vale para outras áreas do país.

IHU On-Line - Quais as consequências mais graves para a sociedade da falta de saneamento e do tratamento de água de baixa qualidade?

Aziz Ab'Saber - O problema do desenvolvimento demográfico e do uso incorreto das águas em grandes cidades brasileiras é um dos mais sérios problemas que o país tem em termos de saneamento básico. Às vezes, pessoas de diversas áreas dizem assim: em vez do pessoal de São Paulo falar de assuntos amazônicos, deveria cuidar de despoluir as águas do Rio Tietê. Isso mostra que existem problemas de todo o tipo no Brasil, e alguns muito difíceis de serem resolvidos. Aqui em São Paulo, dentro da cidade propriamente dita, temos doze milhões de habitantes, mais a grande São Paulo, que está muito entrosada em termos de escoamento de águas e de córregos poluídos. Então, a dificuldade para despoluir as águas do Tietê é imensa. Têm sido resolvidos alguns problemas de inundações, nem

³ A propósito da periodicidade climatohidrológica que vem provocando grandes crises em Santa Catarina. Publicado na revista de Estudos Avançados da USP vol. 23 no. 67, São Paulo, 2009, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300032&lang=pt (Nota da IHU On-Line)

“Se os governantes que conheceram a tragédia de Santa Catarina não fizeram obras e projetos adequados para melhorar ou minimizar os efeitos das grandes precipitações da serra catarinense, com descida das águas para Blumenau e para o Vale do Itajaí nos próximos dez anos, antes que venha outro ano anômalo, vão acontecer tragédias de maior consequência. E isso vale para outras áreas do país”

todos, mas a despoluição é quase que impossível, porque existe a descarga de mais de 100 córregos da grande São Paulo, levando águas poluídas e esgotos mal tratados para o Tietê. Então, nós temos problemas imensos de saneamento básico, afinal de contas, São Paulo é a segunda maior cidade do mundo, e a região metropolitana de São Paulo é a maior do mundo.

LEIA MAIS...

* “Meu grande sonho é que haja menos diferenças sociais no Brasil”. Entrevista especial com Aziz Ab’Saber, publicada na IHU On-Line número 60, de 19-05-2003; disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161288641.81word.pdf>

Por um uso mais cuidadoso da água

Para Colin Chartres, usar uma combinação de tratamento primário, uso agrícola e processos ambientais para purificar efluentes líquidos é uma das oportunidades chave para o futuro com vistas à superação da escassez de água

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

“As crises alimentares causadas por perturbações na relação entre demanda e oferta causam inevitavelmente um impacto sobre os pobres”. A análise é do diretor do Instituto Internacional de Gerenciamento de Água, Colin Chartres, em entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line. Defensor do conceito do uso mais cuidadoso da água, que seriam quaisquer métodos que aumentassem a eficiência e a produtividade do uso da água, Chartres alerta que “se continuarmos procedendo da mesma forma como até agora, isto é, sem melhorias substanciais na produtividade da água, talvez precisemos do dobro de água para plantar os alimentos necessários para alimentar um número estimado de nove bilhões de pessoas”. E continua: “a relação complexa existente entre produção de biocombustíveis, produção interna de alimentos e comércio tem de ser entendida para que se tomem decisões lógicas sobre essa questão”. A opinião de Chartres é clara quando perguntado sobre obras de transposição de águas dos rios: “grandes transposições de água entre bacias e entre rios são um último recurso em termos de solução. A razão é que elas, muitas vezes, são horrendamente caras, implicam custos de engenharia e de manutenção muito significativos e frequentemente têm consequências ambientais consideráveis”.

Colin Chartres é graduado em Geografia pela University of Bristol (Reino Unido) e possui PHD em Pedologia pela University of Reading (Reino Unido). O Instituto Internacional de Gerenciamento de Água tem sua sede no Sri Lanka e sua página na Internet é <http://www.iwmi.cgiar.org/> Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que relações podem ser estabelecidas entre a água e a produção de alimentos para a população mundial?

Colin Chartres - A água e os alimentos estão inextricavelmente ligados. As crises alimentares causadas por perturbações na relação entre demanda e oferta causam inevitavelmente um impacto sobre os pobres. Antes da crise alimentar de 2008, estimava-se que cerca de 1,4 bilhão de pessoas estavam vivendo abaixo

da linha de pobreza de US\$ 1,25 por dia. Muitas dessas pessoas também sofrem de desnutrição. Enquanto que o Banco Mundial estava prevendo, em 2005, que o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio¹ de reduzir a

¹ Acabar com a extrema pobreza e a fome, promover a igualdade entre os sexos, erradicar doenças que matam milhões e fomentar novas bases para o desenvolvimento sustentável dos povos são algumas das oito metas da ONU apresentadas na Declaração do Milênio, e que se pretendem alcançar até 2015. As Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDM) surgem da Declaração do Milênio das Nações Unidas, adotada pelos 191 estados membros

pobreza extrema em 50% de seu nível de 1990, em 2015, provavelmente seria atingido, a crise alimentar de 2008 e o potencial de que ocorram crises semelhantes no futuro poderão agora criar alguma incerteza quanto a essa previsão. Fundamental para atingir o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio referente à redução da pobreza será a capacidade dos definidores e gestores da política de recursos hídricos de garantir que haja disponibilidade de suprimentos de água para fins agrícolas e que eles sejam usados de forma mais produtiva do que o estão sendo atualmente. A Avaliação Abrangente de Gestão de Recursos Hídricos na Agricultura publicada pelo Instituto Internacional de Gestão da Água/Earthscan em 2007 demonstrou que, se continuarmos procedendo da mesma forma como até agora, isto é, sem melhorias substanciais na produtividade da água, talvez precisemos do dobro de água para plantar os alimentos necessários para alimentar um número estimado de nove bilhões de pessoas.

IHU On-Line - De que forma o aumento da produtividade nas lavouras pode interferir no consumo de água?

Colin Chartres - O grande desafio para a agricultura e a gestão dos recursos hídricos é aumentar a produtividade da água. Isto foi descrito, em inglês, como *more crop per drop* (mais produção agrícola por gota d'água). Na realidade, isto significa obter mais produção por unidade de evapotranspiração. Isto pode ser alcançado se continuarmos a investigar soluções para a baixa produtividade, que pode incluir ervas daninhas, doenças, aplicação ineficiente da água, estrutura ruim do solo, salinidade etc. Também podemos economizar em sistemas de irrigação, reduzindo a evaporação e o vazamento, embora o vazamento num

no dia 8 de setembro de 2000. Criada em um esforço para sintetizar acordos internacionais alcançados em várias cúpulas mundiais ao longo dos anos 90 (sobre meio-ambiente e desenvolvimento, direitos das mulheres, desenvolvimento social, racismo etc.), a Declaração traz uma série de compromissos concretos que, se cumpridos nos prazos fixados, segundo os indicadores quantitativos que os acompanham, deverão melhorar o destino da humanidade neste século. (Nota da IHU On-Line)

local possa ser usado em outra parte na medida em que a água percorre o ciclo hidrológico.

IHU On-Line - Quais os maiores desafios para a questão da água, impostos pelo estilo ocidental de alimentação e pela demanda cada vez maior de biocombustíveis?

Colin Chartres - A necessidade de dobrar o consumo de alimentos e, por conseguinte, de água na agricultura, num cenário em que continuemos procedendo da mesma forma como até agora, é mais elevada do que se poderia esperar apenas em função do crescimento populacional. Isto se deve ao fato de que as pessoas estão demandando dietas mais sofisticadas

**“A água e os alimentos
estão inexoravelmente
ligados. As crises
alimentares causadas por
perturbações na relação
entre demanda e
oferta causam
inevitavelmente um
impacto sobre os pobres”**

que contêm mais proteína animal. Produzir essa proteína exige mais água do que a produção de grãos e verduras ou legumes. O consumo de proteína animal aumentou drasticamente nos dois países mais populosos do mundo, a China e a Índia. Na China, há uma demanda maior por carne, enquanto que, na Índia, o consumo de laticínios aumentou drasticamente. A produção de biocombustíveis está sendo impulsionada por políticas governamentais frequentemente mal concebidas que exigem, às vezes, que 10% ou mais do uso total de gasolina e diesel sejam derivados de etanol produzido à base de plantas. Em países como o Brasil, com terra e água em abundância, isto

faz sentido, mas em países com alta densidade populacional como a Índia e a China, o uso de terra e água para a produção de bioenergia obviamente reduz sua capacidade de alimentar suas populações. A relação complexa existente entre produção de biocombustíveis, produção interna de alimentos e comércio tem de ser entendida para que se tomem decisões lógicas sobre essa questão.

IHU On-Line - Quais os riscos ambientais dos suprimentos de água para irrigação por causa das mudanças climáticas?

Colin Chartres - A relação entre a mudança climática e seu impacto sobre a água é complexa. Precisamos de resultados de modelagem climática com mais *downscaling* (ampliação da resolução) que possam ser usados para modelar a hidrologia. Há também uma forte relação entre mudança climática, cobertura vegetal e, portanto, uso da terra, que também pode acarretar dificuldades para prever impactos sobre os fluxos dos rios e a disponibilidade de água. Entretanto, havendo temperaturas mais elevadas e maior evaporação, associadas ao maior risco de estiagem, temos de buscar estratégias de gestão adaptativa que aumentem o armazenamento de água superficial e subterrânea e usem a irrigação complementar como seguro contra quebra de safras para agricultores pobres em situação de risco.

IHU On-Line - O que o senhor entende pelo uso mais cuidadoso da água? Como seria esse uso?

Colin Chartres - Uso essa expressão para designar quaisquer métodos que aumentem a eficiência e a produtividade do uso da água, seja o uso agrícola, doméstico ou industrial. Embora todos possamos economizar água através de banhos mais curtos, do uso de plantas tolerantes à estiagem em jardins e pomares e do uso de menos água por produto industrial acabado, há também grandes oportunidades para reciclar a água e usá-la diversas vezes. Por exemplo, a água de esgoto tratada pode ser usada com segurança na agricultura

“O grande desafio para a agricultura e a gestão dos recursos hídricos é aumentar a produtividade da água”

e também para complementar fluxos “ambientais” nos rios. De modo semelhante, a água cinza de origem doméstica pode ser usada para nossos jardins e pomares.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre a transferência de água dos rios em grandes obras para aumentar a produtividade e a distribuição de água?

Colin Chartres - Minha opinião é que grandes transposições de água entre bacias e entre rios são um último recurso em termos de solução. A razão é que elas, muitas vezes, são horrendamente caras, implicam custos de engenharia e de manutenção muito significativos e frequentemente têm consequências ambientais consideráveis. Tendo dito isto, se um número significativo de pessoas terá seu sustento mantido ou incrementado, elas poderão ser ocasionalmente necessárias.

IHU On-Line - Como a questão do saneamento e do tratamento da água e do esgoto interfere no problema da escassez de água do planeta?

Colin Chartres - A dessalinização pode ser um meio eficiente em termos de custos para disponibilizar água para fins domésticos e industriais e está sendo usada em grau crescente para essa finalidade em países com escassez de água, como a Austrália e no Oriente Médio. Entretanto, num futuro próximo, seus custos são proibitivos no tocante ao seu uso para a produção de água para a agricultura. Como mencionei antes, usar uma combinação de tratamento primário, uso agrícola e processos ambientais para purificar efluentes líquidos é uma das oportunidades chave para o futuro com vistas à superação da escassez de água.

SÃO LEOPOLDO, 15 DE MARÇO DE 2010 | EDIÇÃO 321

Gestão das águas: um campo de permanente tensão

Na visão de Gerôncio Rocha, a solução mais eficaz para a distribuição equitativa da água consiste na construção de cisternas domiciliares nos pequenos povoados e sítios

POR GRAZIELA WOLFART

Em entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line, o geógrafo Gerôncio Rocha lembra a importância de ser respeitado o princípio de que o abastecimento público é sempre prioritário. “Na prática, isso não acontece, porque a disputa pela água é constante”, lamenta. Gerôncio reflete sobre o sistema de gestão dos recursos hídricos no Brasil e explica que “a gestão das águas é um campo de permanente tensão entre dois estilos: o tradicional, tecnoburocrático, em que o órgão público se julga autossuficiente, e o estilo aberto, participativo, apoiado em colegiados”. E conclui: “apesar de tudo, os comitês de bacia são exemplos de gestão democrática dos recursos hídricos”.

Graduado em Geologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Gerôncio Rocha é geólogo da Coordenadoria de Recursos Hídricos da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. É autor de *Um copo d'água* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a questão do saneamento básico afeta diretamente a qualidade da água?

Gerôncio Rocha - Em condições naturais, as águas dos rios são limpas e contêm certa quantidade de oxigênio dissolvido, da ordem de 10 miligramas por litro, que garante a vida aquática. Graças a isso, as águas têm alguma capacidade de autodepuração, podendo limpar parte do esgoto lançado. O que acontece é que as bactérias se alimentam da matéria orgânica dos esgotos, consumindo parte do oxigênio dissolvido. Quando o volume de esgoto lançado é elevado e constante, a taxa de oxigênio decai, e os peixes morrem. O rio está poluído. Quando, além dos esgotos, são lançados efluentes de indústrias, a situação piora porque os produtos químicos não são biodegradáveis. É

isto o que acontece no Rio dos Sinos,¹ na grande Porto Alegre, no rio Tie-tê, na grande São Paulo, e em quase todas as cidades grandes e pequenas do país.

IHU On-Line - O que mais provoca a escassez de água potável: sua má utilização ou a poluição por esgotos domésticos e industriais?

Gerôncio Rocha - São causas concomitantes. A má utilização se revela no desperdício e nos altos índices de consumo. Com o passar do tempo, isto se torna coisa corriqueira, e os órgãos de governo acabam adotando valores elevados de demanda por água em seus planos, o que

¹ Sobre o Rio dos Sinos, leia a revista IHU On-Line número 242, de 05-11-2007, intitulada *Rio dos Sinos, um ano depois da tragédia. Ainda é possível salvá-lo?*, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br//index.php?id_edicao=270 (Nota da IHU On-Line)

induz a realização de obras e mais obras, em vez de ações de controle da demanda. Por outro lado, à medida que os esgotos lançados no rio ficam sem coleta e tratamento, a mancha de poluição vai se estendendo por quilômetros, tornando inviável o aproveitamento da água próxima à cidade. É um circuito perverso, e as duas causas devem ser enfrentadas ao mesmo tempo.

IHU On-Line - Como poderia ser proposta uma distribuição mais equitativa da água entre os setores da irrigação, do abastecimento público, da indústria e do setor hidroelétrico?

Gerôncio Rocha - Em tese, a utilização da água por esses setores deve obedecer a um plano – plano de bacia – em que os usos da água são hierarquizados de acordo com o perfil socioeconômico de cada região. Deve, também, ser respeitado o princípio de que o abastecimento público é sempre prioritário. Na prática, isso não acontece, porque a disputa pela água é constante. Na última década, houve um importante movimento de construção dos “comitês de bacia hidrográfica”, colegiados de gestão das águas, onde os conflitos e disputas são em boa parte resolvidos por meio de entendimento e negociação. Atualmente, há cerca de 150 comitês de bacia em todo o país. Um exemplo interessante de distribuição negociada da água é praticado no interior do Ceará. Em torno da “bacia” de uma açude, são organizadas comissões de usuários que, em assembleia, avaliam a disponibilidade de água no ano e estabelecem as quantidades de água (cotas) para cada categoria. Modelos matemáticos de tomada de decisão são expostos à votação do plenário. O resultado é aprovado pelo comitê e acatado por todos. Conhecendo a história do poder político dos “coronéis” do interior e do favorecimento aos mais fortes, esse tipo de prática é um notável avanço.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o tratamento da água e do esgoto no Brasil, de modo geral, e em São Paulo, especificamente? Quais os princi-

pais desafios?

Gerôncio Rocha - Em linhas gerais, a cobertura dos serviços de abastecimento de água potável no país é da ordem de 90%, considerada boa, com exceção de porções das regiões Norte e Nordeste. Já com relação aos esgotos, a situação é crítica: apenas 48% da população dispõe de rede de coleta dos esgotos e apenas 25% do esgoto é tratado. Historicamente, tanto os governos como as empresas estaduais de saneamento têm boa dose de responsabilidade com essa dívida social. Uns e outros descuidaram dos investimentos nos períodos em que o desenvolvimento econômico acelerou os processos de urbanização. As empresas de saneamento,

“Com relação aos esgotos, a situação é crítica: apenas 48% da população dispõe de rede de coleta dos esgotos, e apenas 25% do esgoto é tratado”

em especial, sempre alegaram que as obras de saneamento são caras, e os recursos arrecadados são insuficientes para melhorar os serviços. A desculpa não convence porque o contribuinte paga uma taxa de água e esgoto. Nestas condições, o índice de tratamento de esgotos deveria aumentar gradativamente, mas não é o que acontece.

Desde 2006, há uma lei e uma nova política nacional de saneamento. E há recursos financeiros anunciados pelo governo federal. Espera-se que estados e municípios avancem no tratamento dos esgotos e, portanto, na recuperação das águas.

Quanto à metrópole de São Paulo, a situação é particularmente complicada: são 20 milhões de pessoas concentradas num trecho relativamente

pequeno do rio Tietê. A poluição das águas é extrema. De 1993 até hoje, o índice de tratamento aumentou de 10% para 40%, com investimento equivalente a 2 bilhões de dólares. Desafios: 1) ampliação do tratamento de esgotos; 2) redução da demanda por água, incluindo a cobrança pelo uso como indução à economia de água; 3) investimento em manutenção da rede de água para redução de perdas. Por fim, o maior desafio de todos: envolvimento e participação da população.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre a transposição do rio São Francisco² como proposta de distribuição equitativa da água?

Gerôncio Rocha - A transferência de água do São Francisco para o sertão nordestino é um projeto de eficácia duvidosa e benefício social limitado. Somente a população residente ao longo dos dois canais ramificados terá acesso à água para abastecimento doméstico e irrigação. Esta concepção geográfica do projeto contrasta com a distribuição da população sertaneja, que é espalhada e dispersa no território. Por causa disso, a solução mais eficaz consiste na construção de cisternas domiciliares nos pequenos povoados e sítios. É o que estão fazendo numerosas organizações sociais, igrejas e governos locais. Agora que a obra está em andamento, não adianta jogar pedra no governo federal. O mais sensato seria convergir os recursos do PAC para as três vertentes estratégicas de enfrentamento das secas: os canais, a multiplicação de cisternas e os serviços de revitalização do rio.

IHU On-Line - Deveria ser composto um modelo ideal de gestão dos recursos hídricos, em sua opinião? O que faria parte desse modelo?

Gerôncio Rocha - A gestão das águas é um campo de permanente tensão entre dois estilos: o tradicional, tecnoburocrático, em que o órgão públi-

² Leia a IHU On-Line número 159, de 10-10-2005, intitulada *Salvar o velho Chico: uma luta que se revitaliza*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br//uploads/edicoes/1158347550.49pdf.pdf> (Nota da IHU On-Line)

“A transferência de água do São Francisco para o sertão nordestino é um projeto de eficácia duvidosa e benefício social limitado”

co se julga autossuficiente, e o estilo aberto, participativo, apoiado em colegiados. No plano legal, institucional, o sistema de gestão é constituído pelos comitês de bacia hidrográfica, do qual fazem parte os órgãos governamentais, os usuários da água e representantes da sociedade civil. No sistema paulista, a composição é tripartite: 1/3 de representantes dos órgãos estaduais; 1/3 dos municípios e 1/3 da sociedade civil (incluindo os usuários). Já no sistema federal, a composição do comitê é mais equitativa: metade de representantes do poder público e metade da sociedade civil. A meu ver, o sistema paulista é mais descentralizado e democrático, com destaque para a participação dos municípios. Decorridos alguns anos de experiência, notam-se algumas fragilidades nesses colegiados. Em primeiro lugar, a representatividade: nos órgãos do governo, em vez de titulares, são designados os “subs” do “subs”, sem poder de decisão; já no segmento da sociedade civil, algumas entidades não têm independência e se comportam como “chapa branca”. Em segundo lugar, vem a efetividade do poder de decisão: para os assuntos simples; as deliberações dos comitês são tomadas quase sempre por consenso. Porém, quando o tema é muito importante, ou polêmico, a votação tem predomínio do governo. É o que aconteceu com o projeto de transposição do São Francisco: o comitê aprovou uma posição restritiva, com alguns condicionantes; quando o assunto foi ao Conselho Nacional, o projeto foi aprovado como queria o governo. Apesar de tudo, os comitês de bacia são exemplos de gestão democrática dos recursos hídricos.

A água como objeto de tutela e controle jurídico

Em função da sua anunciada escassez, a água pode se tornar o mais importante recurso natural quando se pensa em qualidade ambiental das “futuras gerações”, lembra o professor Délton Winter de Carvalho

POR GRAZIELA WOLFART

Professor de Direito Ambiental, Délton Winter de Carvalho considera como desafios para esta área “a capacidade e parâmetros jurídicos para tomar decisões antes que desastres aconteçam ou se agravem; e a compatibilização entre o desenvolvimento tecnológico e sua ressonância ambiental”. Na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, ele explica que isso “repercutiu no fato de que o saneamento é condição para qualquer acumulação humana sustentável. Sem saneamento, há uma proliferação de riscos ambientais biocumulativos. Trata-se de um autoenvenenamento à conta-gotas, silencioso e invisível aos sentidos humanos, mas desastroso após anos de ingerência ambiental”. Para ele, “há uma relação direta entre falta de saneamento básico, contaminação ambiental e saúde pública. É um círculo vicioso, escassez-contaminação-aumento da demanda e consumo de água”.

Délton Winter de Carvalho possui graduação, mestrado e doutorado em Direito pela Unisinos. Atualmente, é professor na mesma universidade, no Centro Universitário Feevale, e membro do corpo editorial da Revista *Brasileira de Direito Ambiental*. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Teoria do Direito. Atuando principalmente nos seguintes temas: Direito Ambiental, dano futuro, Teoria dos Sistemas. É autor de *Dano ambiental futuro: a responsabilização civil pelo risco ambiental* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a questão da água e da sua escassez tem aparecido na área do direito ambiental?
Délton Winter de Carvalho - A escassez dos recursos ambientais tem gerado um aumento da relevância do Direito Ambiental na regulação do que eu chamo “nova conflituosidade ambiental”. Dentro desta nova conflituosidade ambiental, destaca-se a área dos recursos hídricos, em razão de sua essencialidade à vida humana e de uma crescente contaminação e escassez em nível global.

Assim, esta “nova conflituosidade ambiental”, no que toca aos recursos hídricos, decorre da crescente escassez da água em nível global, o que, por sua vez, tem sua origem em diversos fatores, tais como: (i) crescente demanda por água (com o aumento da população mundial); (ii) contaminação de recursos hídricos, gerando escassez da água potável no mundo; (iii) aquecimento global; (iv) produção de biocombustíveis cada vez mais intensa. Estes fatores têm gerado um salutar aumento da fisca-

lização dos órgãos ambientais sobre os empreendimentos que fazem uso de recursos hídricos, exigindo não apenas a formalização de autorizações (outorga para uso de recurso hídrico) como o devido cumprimento das condicionantes e restrições. Assim, a água passa a ser objeto de tutela e controle jurídico, seja preventivamente (outorga para seu uso, com condições e limites; fiscalização etc.), seja para punir (responsabilidades administrativa, civil ou mesmo criminal) pela inexistência de autorização ou pela ocorrência de contaminação de recursos hídricos.

IHU On-Line - Como o direito ambiental vê a água: como mercadoria (algo privado e pelo qual deve ser pago), ou como um bem público universal?

Délton Winter de Carvalho - Na verdade, a legislação brasileira refere-se à água como bem de domínio público (Lei 9433/97) e uso comum (art. 225 Constituição Federal), ou seja, é de todos. Por se tratar de bem finito e a fim de estimular o seu uso racional, a água é dotada de valor econômico, podendo ser cobrada a sua utilização. Desta maneira, ela ganha uma conotação privada e uma possibilidade de mercantilização que, sem os devidos cuidados, pode ser excludente e privatista.

IHU On-Line - Em que medida o conceito de dano ambiental futuro, defendido pelo senhor na obra com o mesmo nome, envolve a questão da água?

Délton Winter de Carvalho - Diante de todos os diagnósticos e prognósticos globais para o futuro, os mais pessimistas (ver nesse sentido o Painel Intergovernamental sobre o aquecimento global - IPCC¹) dizem respei-

to à água. Isto torna a água um dos, senão o mais importante, recurso natural quando se pensa em qualidade ambiental das “futuras gerações”. Considerando que o dano ambiental futuro consiste num sistema de responsabilização pela produção de riscos ilícitos (considerados juridicamente intoleráveis segundo a sua probabilidade e magnitude), qualquer possibilidade de comprometimento de recursos hídricos tem uma relevância determinante, diante da convicção científica da escassez futura da água. Desta forma, mesmo diante de uma probabilidade pequena, qualquer possibilidade de comprometimento futuro de recursos hídricos é algo dotado de grande magnitude sob o ponto de

“Diante de todos os diagnósticos e prognósticos globais para o futuro, os mais pessimistas (...) dizem respeito à água”

vista ambiental e de interesses das futuras gerações. Lembre-se que a Constituição Brasileira fez questão de posicionar expressamente as futuras gerações como destinatários do direito intergeracional ao meio ambiente ecologicamente equilibrado.

IHU On-Line - Como responsabilizar a sociedade civil e o poder público pela escassez da água?

Délton Winter de Carvalho - Sempre que algum setor da sociedade civil e do poder público contribuir para um dano significativo aos recursos hídricos pode haver a sua responsabilização. Senão vejamos: nos casos de dano é mais fácil. O difícil é constituir uma relação probatória de causa e consequência cientificamente ancorada. No caso do risco ambiental, deve ser demonstrada a probabilidade de ocorrência de um dano fu-

turo, bem como a magnitude deste, que deve ser suficientemente grave para justificar a imposição de medidas preventivas (adoção das melhores tecnologias disponíveis, interdição ou suspensão de atividades, melhoria nas metodologias adotadas, adoção de relatórios de controle etc.).

IHU On-Line - De que forma a questão do saneamento básico é contemplada pelo direito ambiental?

Délton Winter de Carvalho - O Direito ambiental regulamenta o saneamento básico ainda de forma muito superficial, pois há divergências sobre a competência para implantação dos sistemas de saneamento básico. A obrigatoriedade da implantação de sistemas eficazes esbarra nas alegações orçamentárias dos entes estatais. Neste sentido, observa-se uma falta de imposição judicial do que o texto legal já prevê, função esta que cabe à coletividade, sociedade civil organizada, organismos não governamentais, poder público e ao Ministério Público.

IHU On-Line - O senhor acredita que a água possa, futuramente, ser motivo de guerra entre nações? Como ficaria a questão da distribuição equitativa da água no mundo em termos jurídicos?

Délton Winter de Carvalho - Acredito que a água já esteja sendo motivo de conflitos entre nações. O caso mais enfático é a disputa de água no Oriente Médio. Este fenômeno tende a aumentar nos próximos anos. Os pontos de conflito serão entre países e entre atividades que disputarão o acesso à água (agricultura, indústria, lazer, consumo humano). Provavelmente a água ocupará um espaço de conflito como vemos hoje disputas bélicas pelo petróleo. O fundamento jurídico para a distribuição equitativa da água é bastante simples, pois sendo um bem de uso comum da humanidade, esta deve ser acessível a todos, bem como deve haver um fortalecimento do múltiplo uso desta, sem que seja permitida a exclusão de quaisquer grupo, país ou atividade.

IHU On-Line - Quais os maiores desafios para a área do direito ambiental hoje, considerando que vivemos, como o senhor mesmo define, a era do risco? Como isso se relaciona com a questão da água e do saneamento? **Délton Winter de Carvalho** - A meu ver, os maiores desafios impostos pela sociedade contemporânea ao Direito Ambiental dizem respeito: (i) à capacidade e parâmetros jurídicos para tomar decisões antes que desastres aconteçam ou se agravem; e (ii) à compatibilização entre o desenvolvimento tecnológico e sua ressonância ambiental. Isto repercute no fato de que o saneamento é condição para qualquer acumulação humana sustentável. Sem saneamento, há uma proliferação de riscos ambientais biocumulativos. Trata-se de um autoenvenenamento à conta-gotas, silencioso e invisível aos sentidos humanos, mas desastroso após anos de ingerência ambiental. Há uma relação direta entre falta de saneamento básico, contaminação ambiental e saúde pública. É um círculo vicioso, escassez-contaminação-aumento da demanda e consumo de água.

IHU On-Line - Como a preocupação com a água e com o saneamento aparece nos cursos de direito ambiental promovidos pelas universidades brasileiras? Qual a demanda que prevalece na academia em relação a este tema?

Délton Winter de Carvalho - O debate jurídico acerca da gestão dos recursos hídricos é mais de análise da legislação e ponderação teórica. Na falta de fiscalização e de imposição das metas legislativas, tem-se um abismo entre o que texto legal prevê e a ação pública e privada da água. Neste contexto, as universidades devem desenvolver um papel central de pesquisa e transformação, fornecendo dados e fomentando a adoção de estratégias para a gestão dos recursos hídricos. Um exemplo do que quero dizer é o Projeto Mona Lisa que, realizado por professores da Unisinos, muito antes da chamada “catástrofe do Rio dos Sinos” diagnosticou cientificamente a gravidade da situação, posteriormente confirmada pela falta de ação preventiva.

Saneamento básico e distribuição de renda andam juntos

Dieter Wartchow aponta como desafios reconhecer que os serviços essenciais de saneamento básico se constituem um direito e entender que as ações de saneamento básico devem estar acima dos interesses corporativos e políticos

POR GRAZIELA WOLFART

Na visão do professor Dieter Wartchow, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, programas de habitação, como o Minha Casa, Minha Vida, do governo federal, tratam tudo de forma fragmentada, ou seja, “habitação de um lado, saneamento e planejamento da ocupação do solo urbano de outro”. Em entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line, Wartchow defende que “saneamento começa na habitação, que abriga as pessoas, que com seus hábitos usarão a água conforme seu grau de compreensão. Quando não dão valor, desperdiçam, geram esgotos, deixando de separar os resíduos, e a água da chuva escoar pelo ralo da insensatez humana que muito fala, mas pouco usa tecnologias sustentáveis”. Para ele, “reconhecer que a gestão da água deve ser pública e permanecer em mãos públicas é um bom caminho para um modelo de gestão pública eficaz, de qualidade e para todos, cujo controle social desejado e necessário se dá a partir da efetiva participação dos usuários”. E continua: “um modelo próximo do ideal deve buscar empreender o ciclo do uso da água de forma integrada com as políticas públicas de meio ambiente, além de entender que a água é um direito humano e da vida”. Contrário à privatização da prestação dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário ou os recursos hídricos, Dieter Wartchow argumenta que “saneamento para todos se faz distribuindo renda e empreendendo subsídios cruzados, o que seguramente não é tarefa do setor privado que visa ao lucro”.

Dieter Wartchow possui graduação em Engenharia e mestrado em Hidrologia Sanitária pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e doutorado em Engenharia Sanitária e Ambiental pela Universidade Stuttgart, Alemanha. Atualmente, é professor no Instituto de Pesquisas Hidráulicas - IPH, da UFRGS. É autor de *Água Para Todos - Rompendo o Paradigma da Ineficiência do Setor Público* (Porto Alegre: Publicação Independente, 2003). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os maiores desafios no Rio Grande do Sul e no Brasil na área de saneamento básico hoje?

Dieter Wartchow - Reconhecer que os serviços essenciais de saneamen-

to básico se constituem um direito e entender que as ações de saneamento básico devem estar acima dos interesses corporativos e políticos. Depois da década perdida e da década do estado mínimo, o Brasil necessita de linhas de

financiamento continuadas e da aplicação de recursos não onerosos. Devemos entender que a ação preventiva e seus benefícios se sobrepõem a qualquer ação curativa. Tecnicamente, talvez o maior desafio seja a elaboração dos planos municipais de saneamento por parte dos municípios brasileiros e a instalação de inteligência do saber fazer no setor público.

IHU On-Line - O que podemos entender por saneamento ambiental?

Dieter Wartchow - O conceito de saneamento ambiental é mais amplo do que o conceito de saneamento básico, pois considera ações de cunho social, ambiental e econômicas com o objetivo de alcançar níveis crescentes de salubridade ambiental e cidades saudáveis. Compreende o abastecimento de água em quantidade e dentro dos padrões de potabilidade vigentes, o manejo de esgotos sanitários, de águas pluviais, de resíduos sólidos e emissões atmosféricas, o controle ambiental de vetores e reservatórios de doenças, a promoção sanitária e o controle ambiental do uso e ocupação do solo e prevenção e controle do excesso de ruídos, dentre outros.

IHU On-Line - Como a questão do saneamento e do aproveitamento/tratamento de água é levada em conta em programas do governo federal, como o Minha Casa, Minha Vida, por exemplo?

Dieter Wartchow - De forma fragmentada, habitação de um lado, saneamento e planejamento da ocupação do solo urbano de outro. Saneamento começa na habitação, que abriga as pessoas, que com seus hábitos usarão a água conforme seu grau de compreensão. Quando não dão valor, desperdiçam, geram esgotos, deixando de separar os resíduos, e a água de chuva escoar pelo ralo da insensatez humana que muito fala, mas pouco usa tecnologias sustentáveis.

IHU On-Line - Qual o senhor apontaria como modelo ideal de gestão pública de água? O que deveria fazer parte deste modelo?

Dieter Wartchow - Não existe um mo-

“Privatizar a prestação dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário ou os recursos hídricos significa cometer um delito social, pois coloca um direito humano e da vida nas mãos de mercadores de ilusão”

delo ideal, considerando a diversidade na forma de pensar do ser humano. Reconhecer que a gestão da água deve ser pública e permanecer em mãos públicas é um bom caminho para um modelo de gestão pública eficaz, de qualidade e para todos, cujo controle social desejado e necessário se dá a partir da efetiva participação dos usuários. Um modelo próximo do ideal deve buscar empreender o ciclo do uso da água de forma integrada com as políticas públicas de meio ambiente, além de entender que a água é um direito humano e da vida.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre a privatização da água?

Dieter Wartchow - Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), empreender parcerias público-privadas (PPPs) ou formas de privatização da água não trouxe melhorias no saneamento básico para as populações mais pobres. O Estado não pode abrir mão de suas responsabilidades, portanto, privatizar a prestação dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário ou os recursos hídricos significa cometer um delito social, pois coloca um direito humano e da vida nas mãos de mercadores de ilusão. Privatizar ou promover a gestão dos serviços por meio de um parceiro estratégico privado é uma demonstração de que o Estado nada sabe sobre o saneamento e

sua relação intrínseca com as políticas de saúde, meio ambiente e o próprio desenvolvimento sustentável. Saneamento para todos se faz distribuindo renda e empreendendo subsídios cruzados, o que seguramente não é tarefa do setor privado que visa ao lucro.

IHU On-Line - Como a questão do tratamento de esgotos se relaciona com a questão energética?

Dieter Wartchow - As tecnologias para o tratamento de esgotos podem ser consideradas consumidoras (energívoras) ou produtoras de energia. A eficiência energética dos processos utilizados para o tratamento de esgotos não tem o devido reconhecimento da sua importância no contexto da utilização de Tecnologias Limpas e Ecoeficientes. Considerando o baixo percentual de tratamento dos esgotos no Brasil, recomendaria uma pesquisa visando adequar os processos de tratamento ao seu potencial de geração de energia ou desenvolver fontes de produção de energia limpa nas estações de tratamento de esgoto para tornar seu ciclo mais eficiente energeticamente.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o tratamento realizado na água para consumo humano no Rio Grande do Sul? Não é contraditório pagarmos pelo tratamento da água e termos que comprar água engarrafada para beber (mineral, por exemplo)?

Dieter Wartchow - A maioria das estações e processos para o tratamento de água para consumo humano é do tipo convencional e pode-se afirmar que, no Rio Grande do Sul, existe um bom controle do padrão de qualidade, atendendo ao padrão de potabilidade estabelecido pela Portaria do Ministério da Saúde número 518. Contudo, em determinados períodos e dadas as condições hidrológicas dos mananciais de água bruta, problemas com gosto, odor e sabor na água distribuída à população através dos sistemas de abastecimento de água são perceptíveis e possíveis. Novas tecnologias para o tratamento de água, como a ozonização utilizada em países que adotam sistemas avançados, já poderiam estar sendo realizadas, considerando, por exemplo, a remoção de

“Quem garante que a água mineral que utiliza embalagens de PVC é segura? Além disso, existem águas minerais que são fabricadas a partir da água de torneira, e outras que não atenderiam ao padrão e potabilidade”

substâncias orgânicas de difícil detecção laboratorial. A difamação da qualidade da água distribuída à população, que é boa, tem sido uma prática constante de empresas que comercializam equipamentos portáteis para o tratamento de água e os fabricantes de água mineral. Quem garante que a água mineral que utiliza embalagens de PVC é segura? Além disso, existem águas minerais que são fabricadas a partir da água de torneira, e outras que não atenderiam ao padrão de potabilidade.

IHU On-Line - De que forma a participação popular pode contribuir para a melhora na questão do saneamento e no melhor aproveitamento da água?

Dieter Wartchow - Lamentavelmente, a participação popular ainda é uma concessão dos governantes. Além do que, ela ainda não possui o voluntarismo necessário, e precisa ser incentivada. Como ainda não está instituída nos valores básicos da sociedade, apesar de fazer parte do discurso ou das recomendações de lei, devemos, num primeiro momento, educar as pessoas para desenvolver nelas o senso crítico necessário para passar da indiferença, para a tomada de posição e participação. Educando as pessoas, poderemos ensiná-las a aproveitar melhor a água e dar-lhe o valor que a água merece.

Declaração Universal dos Direitos da Água

Art. 1º - A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade, cada cidadão é plenamente responsável aos olhos de todos.

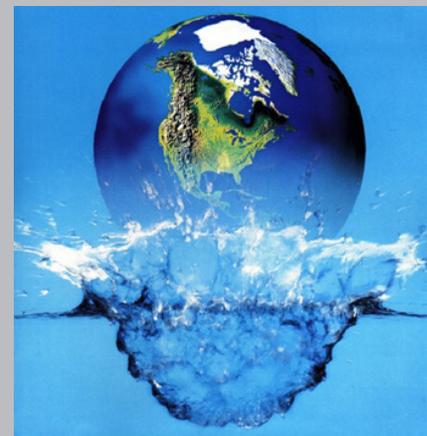
Art. 2º - A água é a seiva do nosso planeta. Ela é a condição essencial de vida de todo ser vegetal, animal ou humano. Sem ela, não poderíamos conceber como são a atmosfera, o clima, a vegetação, a cultura ou a agricultura. O direito à água é um dos direitos fundamentais do ser humano: o direito à vida, tal qual é estipulado do Art. 3º da Declaração dos Direitos do Homem.

Art. 3º - Os recursos naturais de transformação da água em [água potável](#) são lentos, frágeis e muito limitados. Assim sendo, a água deve ser manipulada com racionalidade, precaução e parcimônia.

Art. 4º - O equilíbrio e o futuro do nosso planeta dependem da preservação da água e de seus ciclos. Estes devem permanecer intactos e funcionando normalmente para garantir a continuidade da vida sobre a Terra. Este equilíbrio depende, em particular, da preservação dos mares e oceanos por onde os ciclos começam.

Art. 5º - A água não é somente uma herança dos nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo aos nossos sucessores. Sua proteção constitui uma necessidade vital, assim como uma obrigação moral do homem para com as gerações presentes e futuras.

Art. 6º - A água não é uma doação



gratuita da natureza; ela tem um valor econômico: precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo.

Art. 7º - A água não deve ser desperdiçada, nem poluída, nem envenenada. De maneira geral, sua utilização deve ser feita com consciência e discernimento para que não se chegue a uma situação de esgotamento ou de deterioração da qualidade das reservas atualmente disponíveis.

Art. 8º - A utilização da água implica no respeito à lei. Sua proteção constitui uma obrigação jurídica para todo homem ou grupo social que a utiliza. Esta questão não deve ser ignorada nem pelo homem nem pelo Estado.

Art. 9º - A gestão da água impõe um equilíbrio entre os imperativos de sua proteção e as necessidades de ordem econômica, sanitária e social.

Art. 10º - O planejamento da gestão da água deve levar em conta a solidariedade e o consenso em razão de sua distribuição desigual sobre a Terra.

Brasil: um dos maiores reservatórios de água doce do mundo

Segundo Paulo Varella, diretor da Agência Nacional de Águas, as políticas setoriais de gestão de recursos hídricos devem ser indutoras do desenvolvimento sustentável

POR GRAZIELA WOLFART

“O caminho para que a gestão de recursos hídricos contribua para o desenvolvimento sustentável faz com que cada setor que utilize a água como insumo entenda a sua importância, induzindo políticas públicas para seu uso racional e entendendo que o seu uso não interfere nos demais, nem causa danos aos recursos hídricos”. A opinião é do geólogo e atual diretor da Agência Nacional de Águas - ANA, Paulo Varella. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à IHU On-Line, ele afirma que “o Brasil, donatário do maior patrimônio hídrico do mundo, tem densidade e responsabilidades frente aos desafios planetários”. Sobre a presença dele e de outro brasileiro como únicos representantes da América do Sul no Conselho Mundial de Águas, Varella considera que isso os “impõe uma tarefa que extrapola as nossas fronteiras e traduz o peso e o espaço que a nova realidade geopolítica nos confia”.

Paulo Varella é geólogo, com pós-graduação em Hidrologia Subterrânea pela Universidade Politécnica de Barcelona (Espanha). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os caminhos para que a gestão dos recursos hídricos contribua para o desenvolvimento sustentável? Como isso se aplica no caso brasileiro?

Paulo Varella - A água é um elemento vital não somente para o consumo humano, mas é importante insumo de diversas atividades produtivas, como a agricultura irrigada, hidroeletricidade, indústrias, além de ser um meio para o transporte de pessoas e cargas. Todavia, cada atividade para a qual a água é insumo tem suas próprias políticas públicas, executadas pelos ministérios setoriais, como o Ministério das Minas e Energia, para a hidroeletricidade; Ministério dos Transportes, para o transporte aquaviário; Ministério das Cidades, para o setor de saneamento; dentre outros. Portanto, o caminho para que a gestão de recursos hídricos contribua para o desenvolvimento sustentável faz com que cada setor que utilize a água como insumo entenda a sua importância, induzindo políticas públicas para seu uso racional e entendendo que o seu uso não interfere nos

demais, nem causa danos aos recursos hídricos. Por isso, no Brasil, a gestão de recursos hídricos busca conciliar os diversos interesses dos setores usuários, de forma que suas políticas setoriais não sejam um impeditivo para o desenvolvimento do país como um todo. Pelo contrário, devem ser indutoras do desenvolvimento sustentável.

IHU On-Line - Em que medida o aumento da população nas metrópoles interfere na escassez da água potável no mundo?

Paulo Varella - Quanto maior a população, maior é a demanda por água potável e maior é a quantidade de esgoto produzido. Quando esse esgoto não é adequadamente coletado e tratado, a qualidade da água se deteriora, reduzindo sua oferta para utilização do consumo humano. Isso nos obriga a trazer a água de cada vez mais longe, a um custo mais elevado. Esse é o caso das regiões metropolitanas, como a de São Paulo, em que é necessário trazer água de outra bacia hidrográfica (dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá)

para atender a demanda da região.

IHU On-Line - Como se administra a questão do saneamento nas grandes cidades, considerando o aumento populacional cada vez mais veloz nas zonas urbanas?

Paulo Varella - A questão do saneamento é administrada em âmbito local pelas prefeituras, que podem prestar o serviço diretamente, por meio de algum departamento, ou conceder a uma autarquia ou empresa, seja pública, privada ou de economia mista. A Agência Nacional de Águas não tem atribuição legal de atuar sobre o setor de saneamento, exceto nos casos em que é necessário expedir a outorga de direito de uso de recursos hídricos às concessionárias de saneamento. Nessa ocasião, a ANA avalia a quantidade requerida e verifica se ela está adequada à população atual e projetada para o horizonte de concessão dos serviços de saneamento. Em relação às políticas para o setor, elas são tratadas no Governo Federal pela Secretaria Nacional de Saneamento do Ministério das Cidades.

IHU On-Line - O que caracteriza o Brasil em relação a seus recursos hídricos? Quais as peculiaridades de cada região?

Paulo Varella - Apesar de 2/3 do planeta Terra ser composto por água, apenas cerca de 3% de toda a água disponível é doce. Desse total, a maior parte (2,5%) encontra-se em estado sólido, ou seja, congelada nos pólos Norte e Sul. Resta, portanto, 0,5% de água doce no mundo, localizada nos rios, lagos e aquíferos, para consumo humano. Com relação à água doce superficial disponível na natureza, o Brasil é um dos maiores reservatórios do mundo, detendo mais de 12% do total mundial, ou seja, mais do que a África inteira (9,7%). Além disso, a água não está distribuída igualmente em todo o globo. Menos de 10 países concentram 60% da oferta global de água doce disponível: Brasil, Rússia, China, Canadá, Indonésia, Estados Unidos, Índia, Colômbia e República Democrática do Congo. O Brasil responde por quase 57% do total disponível na América do Sul e por quase 35% do total disponível no continente Americano. A distribuição da água no país, entretanto, é desproporcional com as regiões. Somente a região Norte detém quase 68% de toda a oferta hídrica superficial do país, apesar de contar com somente 4% da população. A Sudeste, uma das regiões mais populosas, com 43% dos habitantes do território brasileiro, por exemplo, é dona de apenas 6% da oferta hídrica. A Sul tem 7% dos recursos hídricos e 15% da população. A Centro-Oeste, 16% da água e 6% da população, enquanto a Nordeste tem apenas 3% da disponibilidade hídrica, abrigando cerca de 29% da população brasileira. Essas diferenças regionais indicam claramente que os maiores problemas de recursos hídricos encontram-se no Nordeste, em função das secas, e no Sul e Sudeste, principalmente por conta da poluição e demanda decorrente das atividades produtivas.

IHU On-Line - Como acontece hoje a gestão dos recursos hídricos no Brasil?

Paulo Varella - Devido à Constitui-

ção Federal ter estabelecido uma separação entre a dominialidade dos rios, isto é, alguns rios são de domínio dos Estados quando se encontram totalmente abrangidos pelo território desse ente, ou de domínio da União quando cruzam mais de um Estado ou servem de fronteira entre eles, a gestão de recursos hídricos no Brasil é conduzida nessas duas esferas, estadual e federal. Apesar dessa separação, os fundamentos, princípios e objetivos das políticas de recursos hídricos são semelhantes, buscando sempre o uso sustentável da água. Característica fundamental da gestão dos recursos hídricos no Brasil é seu caráter participativo e descentralizado, com a existência dos Comitês de Bacia Hidrográfica, verdadeiros

“Os maiores problemas de recursos hídricos encontram-se no Nordeste, em função das secas, e no Sul e Sudeste, principalmente por conta da poluição e demanda decorrente das atividades produtivas”

“parlamentos” das águas de cada bacia, que contam com a participação da sociedade civil, academia, órgãos de governo e usuários de água, que decidem sobre o futuro de sua bacia hidrográfica. Existem também os conselhos de recursos hídricos, seja o Conselho Nacional ou dos Estados, órgãos máximos dos sistemas de gerenciamento de recursos hídricos e que arbitram os conflitos entre os usos e usuários. E na ponta do sistema, executando as políticas, que, em âmbito nacional, são propostas pela Secretaria de Recursos Hídricos e Ambiente Urbano (SRHU), existe a Agência Na-

cional de Águas em âmbito federal e os órgãos estaduais de recursos hídricos em sua esfera de atuação. Por conta desse complexo sistema de gestão, a atuação da ANA tem se pautado muito numa relação estreita com os órgãos estaduais de recursos hídricos, pois, apesar das duas dominialidades definidas na constituição, a água que hoje é estadual acaba por desembocar em um rio de domínio federal. Por isso é necessária uma estreita relação entre a ANA e os órgãos estaduais.

IHU On-Line - Quais os principais desafios da Agência Nacional de Águas hoje? Qual é a Política Nacional de Recursos Hídricos atual?

Paulo Varella - Criada em 17 de junho de 2000, pela Lei 9.984, a Agência Nacional de Águas é uma autarquia ligada ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) que tem por finalidade coordenar e implementar, em sua esfera de atribuições, a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH), em articulação com os órgãos, as entidades públicas e privadas integrantes do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (Singreh). A Lei das Águas (Lei 9433/1997) estabelece a PNRH e cria o Singreh e estabelece os alicerces nos quais é baseada toda a estrutura da ANA. A Agência implementa os instrumentos da política sobre as águas de domínio da União, ou seja, aquelas superficiais que percorrem mais de um estado ou país. A missão da ANA é garantir o cumprimento desses objetivos, implementando e coordenando a gestão compartilhada e integrada dos recursos hídricos, além de regular o acesso a água. Com isso, o principal negócio da ANA é o uso sustentável da água. Sua visão é ser reconhecida pela sociedade como a referência na gestão e regulação dos recursos hídricos e na promoção do uso sustentável da água. Cabe à ANA executar as determinações da Lei das Águas. Para isso, ela tem instrumentos estabelecidos pela Lei como a elaboração dos Planos de Recursos Hídricos tanto estaduais quanto os planos das bacias hidrográficas. Ambos são instrumentos de planejamento que definem como conservar, recuperar e utilizar os recursos hídricos de

determinada bacia.

IHU On-Line - Quais as principais metas e avanços do Conselho Mundial da Água?

Paulo Varella - A meta principal é promover a mobilização do mais alto nível de decisão nos diversos países membros no que diz respeito ao tema da água nas inúmeras dimensões que permeiam a questão: gestão integrada, saneamento, irrigação, mudanças climáticas, geração de energia, transporte. O Conselho Mundial da Água tem avançado. No primeiro fórum mundial promovido pela organização, contou com a participação de 400 representantes dos diversos países membros. O último, o quinto fórum, realizado na cidade de Istambul, Turquia, contou com a presença de 30.000 pessoas. Nestas oportunidades, pensadores e tomadores de decisão têm emitido diretrizes inovadoras a respeito de problemas comuns em muitas regiões do mundo, de forma a trazer o tema água para dentro das agendas governamentais.

IHU On-Line - Qual a importância de ter dois brasileiros no Conselho e como o senhor sente a responsabilidade de ser o governador da entidade no Brasil, considerando que o país possui a maior reserva de água doce do mundo?

Paulo Varella - O Brasil, donatário do maior patrimônio hídrico do mundo, tem densidade e responsabilidades frente aos desafios planetários, e a presença de dois brasileiros como únicos representantes da América do Sul confirma e nos impõe uma tarefa que extrapola as nossas fronteiras e traduz o peso e o espaço que a nova realidade geopolítica nos confia. Além disso, o outro governador, Prof. Dr. Benedito Braga, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, é ainda o Vice-Presidente do Conselho Mundial, o que contribui, ainda mais, para aumentar a nossa responsabilidade. Cabe destacar que a atuação do Brasil no Conselho Mundial da Água não se restringe à presença de dois brasileiros no Comitê de Governadores, pois o país conta ainda com mais 10 sócios do Conselho.

Saneamento no Brasil: perspectiva de todos os brasileiros atendidos em 20 anos

Raul Pinho aponta que tanto os ambientalistas quanto os gestores dos recursos hídricos sempre estiveram muito ausentes da discussão em torno do tema saneamento

POR GRAZIELA WOLFART

“**A** situação está melhorando, mas ainda está muito ruim”. É assim que o presidente do Instituto Trata Brasil, Raul Pinho, define a situação atual do saneamento básico no Brasil. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à IHU On-Line, ele explica que “somente metade da população brasileira tem acesso a serviço de coleta de esgoto, e só 1/3 dos esgotos no Brasil são tratados, o que causa enormes impactos sociais na saúde, educação e renda”. E esse impacto, continua, “é ainda mais expressivo no orçamento da área de saúde das cidades”. Para Raul Pinho, a sociedade deve cobrar a ação dos gestores municipais no sentido de garantir água e esgoto tratados. “Saneamento é um problema da cidade e cabe aos prefeitos perseguir as alternativas para prover esses serviços básicos para a população”.

Raul Graça Couto Pinho é presidente executivo do Instituto Trata Brasil. Engenheiro Civil pela PUC-Rio, com pós-graduação em Portos e Logística pela COPPETEC da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, possui MBA Executivo pela mesma instituição. É especializado em administração, gerenciamento e desenvolvimento de empreendimentos e projetos de infraestrutura e saneamento básico, com trabalhos realizados nas Américas do Sul e Central e no Oriente Médio. Foi consultor da Tigre S/A, diretor de operações do Grupo Lachmann, diretor internacional da Geotécnica e diretor comercial da Engepasa. É também consultor e sócio-gerente da Acquaport Cons&Eng. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como está, de modo geral, a situação do saneamento básico hoje no Brasil?

Raul Pinho - A situação está melhorando, mas ainda está muito ruim. Somente metade da população brasileira tem acesso a serviço de coleta de esgoto, e só 1/3 dos esgotos no Brasil são tratados, o que causa enormes impactos sociais na saúde, educação e renda. Esse impacto é

ainda mais expressivo no orçamento da área de saúde das cidades.

IHU On-Line - Quais os caminhos para garantir a universalização do saneamento para todos os brasileiros?

Raul Pinho - A primeira providência é perseguir o cumprimento da Lei 11.445/07, que define as regras para o setor e que levou mais de 20 anos

em discussão no Congresso antes de ser aprovada e sancionada em janeiro de 2007.

IHU On-Line - Como a sociedade pode se mobilizar para garantir o direito ao saneamento e ao tratamento de esgoto, bem como à água potável?

Raul Pinho - Cobrando ação dos gestores municipais. Saneamento é um problema da cidade e cabe aos prefeitos perseguir as alternativas para prover esses serviços básicos para a população.

IHU On-Line - Quais as principais consequências sociais e de saúde da falta de saneamento?

Raul Pinho - Entre as principais consequências estão as internações hospitalares. São cerca de 700.000 internações hospitalares por ano, causando enormes custos ao SUS. Além disso, podemos citar a mortalidade entre crianças de 1 a 6 anos - 7 óbitos por dia; o aprendizado 18% menor, pois as crianças sem saneamento não são saudáveis; e prejuízos para o trabalhador que falta 11% mais ao trabalho quando não conta com serviços adequados de saneamento.

IHU On-Line - Como o senhor vê os programas do governo federal, como o Minha casa, Minha vida, por exemplo, em relação à questão do saneamento básico no país?

Raul Pinho - O programa Minha Casa, Minha Vida não contempla ações de saneamento, e sim de habitação. É fundamental que os programas sejam integrados para que os déficits de saneamento não aumentem. As intervenções em saneamento estão sendo feitas, principalmente pelo PAC.

IHU On-Line - Como entender que o tratamento de esgoto é tão baixo no Brasil? Quais as consequências disso para a questão da escassez de água?

Raul Pinho - O baixíssimo nível de tratamento decorre da política do

“O programa Minha Casa, Minha Vida não contempla ações de saneamento, e sim de habitação. É fundamental que os programas sejam integrados para que os déficits de saneamento não aumentem”

BNH¹ nas décadas de 70 e 80 que priorizou o afastamento do esgoto, até mesmo porque, naquela época, as cidades eram menores, e não havia tanto adensamento populacional. As consequências são os rios e mananciais poluídos e uma menor disponibilidade de água em condições de consumo. Como resultado, o custo de tratamento fica cada vez maior, pois são necessários mais energia e produtos químicos para levar água potável para a população.

IHU On-Line - Como o senhor qualifica a gestão dos recursos hídricos e a gestão do saneamento e tratamento de esgoto no Brasil?

Raul Pinho - Tanto os ambientalistas quanto os gestores dos recursos hídricos sempre estiveram muito ausentes da discussão em torno do tema saneamento. Só agora, com os altos índices de poluição dos nossos rios, eles estão mais próximos, e, inclusive, o

1 O Banco Nacional da Habitação (BNH) foi um banco público brasileiro voltado ao financiamento e à produção de empreendimentos imobiliários. Criado em 1964, pela deputada Sandra Cavalcanti, sua primeira presidente, através da Lei 4.380, o BNH tinha por função a realização de operações de crédito — sobretudo de crédito imobiliário —, bem como a gestão do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Era um banco de segunda linha, ou seja, não operava diretamente com o público, atuando por intermédio de bancos privados e/ou públicos, e de agentes promotores, tais como as companhias habitacionais e as companhias de água e esgoto. O banco foi extinto em 1986, através do Decreto-Lei nº 2.291, de 21.11.1986, o qual o repassou à Caixa Econômica Federal. (Nota da IHU On-Line)

Trata Brasil está desenvolvendo um projeto piloto com a Agência Nacional de Águas - ANA para a despoluição da bacia hidrográfica dos rios Turvo e Grande, no interior de São Paulo.

IHU On-Line - Dia 22 de março, será organizada, no mundo todo, “a fila mais longa do mundo para ir ao banheiro”². Está havendo alguma mobilização no Brasil? Qual a importância de iniciativas nesse sentido?

Raul Pinho - A única iniciativa que tenho conhecimento é do Instituto Trata Brasil que inscreveu a fila da Vila Dique em Porto Alegre. Há dois anos, acompanhamos os moradores da Vila Dique, no âmbito de nosso projeto Trata Brasil na comunidade, num trabalho de inclusão social cujos resultados estão disponibilizados na nossa página www.tratabrasil.org.br.

IHU On-Line - O senhor concorda que o saneamento, enquanto área, está abandonado pelos projetos de desenvolvimento?

Raul Pinho - Esteve abandonado por décadas, mas, desde 2003, com a criação do Ministério das Cidades e, posteriormente, com a nova lei e o PAC, vivemos um novo tempo. Hoje temos perspectiva de, em 20 anos, termos todos os brasileiros atendidos. É muito tempo, mas pelo menos é uma perspectiva que não tínhamos até 2007.

IHU On-Line - Quais os principais desafios e metas do Instituto Trata Brasil?

Raul Pinho - A meta do Trata Brasil é a universalização dos serviços, e o desafio é fazer com que os próximos governos mantenham os investimentos em saneamento, além de manter a sociedade informada sobre os males da falta desses serviços. A máxima de que é obra enterrada e não dá voto ainda prevalece, até mesmo porque a população é muito desinformada e não associa os problemas sociais e principalmente os da saúde à falta de saneamento.

2 Leia mais no sítio do IHU em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=30038 (Nota da IHU On-Line)

O Brasil é o maior “exportador” de água virtual do mundo

Pai do conceito de “água virtual”, John Anthony Allan aponta que a maior parte da água é usada para produzir alimentos

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

“**A** forma como usamos a terra e os recursos hídricos no passado negligenciava os impactos ambientais impostos pela agricultura intensiva. Esses custos não se refletem nos preços das commodities alimentícias vendidas e compradas internacionalmente, e nem mesmo nos preços dos alimentos no mercado interno. O Brasil não deveria correr para satisfazer a demanda global por sua água, colocando commodities no mercado mundial a preços que impossibilitem que o ambiente das terras e dos recursos hídricos do Brasil seja usado de modo sustentável”. Essas são as palavras do cientista britânico John Anthony Allan, escritas por ele na entrevista que aceitou conceder, por e-mail, à IHU On-Line. Conhecido no mundo inteiro por ter criado o conceito de água virtual, explicado a seguir, Tony Allan identifica que as grandes economias de água podem ser feitas no setor agrícola, onde os volumes de água usados são vastos. “Os agricultores tomam conta de toda a água verde. Junto com os engenheiros, eles tomam conta de toda a água azul usada na agricultura irrigada. Junto, isto representa 80% da água usada no mundo inteiro. Os agricultores detêm a chave para a segurança da água - especialmente no Brasil”, alerta.

John Anthony Allan é professor no King’s College de Londres e na Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres. Pioneiro em conceitos chave para a compreensão e a divulgação das questões referentes à problemática da água e à sua conexão com a agricultura, as mudanças climáticas, a economia e a política, Tony Allan foi laureado com o “Prêmio da Água de Estocolmo 2008” (2008 Stockholm Water Prize). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor pode explicar o conceito de “água virtual”? Como fazer o cálculo de quanto cada produto consome de água?

John Anthony Allan - Os alimentos e outras *commodities* necessitam de água para serem produzidos. As *commodities* alimentícias possuem um teor de água particularmente grande. Por exemplo, as seguintes quantidades de água são necessárias para produzir 1 quilo de:

Trigo: 1.300 litros
Milho: 900
Arroz: 3.400
Carne de frango: 3.900
Carne de porco: 4.800
Carne de ovelha: 6.100
Carne de gado: 15.500
Algodão: 11.000

“Será muito difícil fazer com que o valor da água usada na produção de alimentos de origem vegetal e de carne se reflita no preço dos alimentos”

Ou a seguinte quantidade de litros de água é necessária para produzir 1 unidade dos seguintes produtos:

Um litro de leite: 1.000 litros
Uma xícara de chá: 30
Uma xícara de café: 140
Uma folha de papel: 10
Uma fatia de pão: 40
Uma maçã: 70
Uma camiseta: 2.700

A água embutida nisso é chamada de água virtual.

Quando uma *commodity* é exportada de um país para outro, o país importador se torna seguro em termos de água e alimentos contanto que tenha uma economia que seja diversificada, e as pessoas tenham meios de vida que lhes possibilitem comprar alimentos importados. Das 210 economias existentes

no mundo, ao menos 160 são economias “importadoras” de água virtual. Há apenas cerca de 10 economias que têm um excedente de água significativo que pode ser “exportado” em forma virtual. Esses países incluem os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália, Argentina e França. O Brasil é, em potencial, o maior “exportador” de água virtual do mundo.

IHU On-Line - Quais as maiores consequências ambientais para um país como o Brasil, a partir desta consideração de ser o maior exportador de água virtual do mundo?

John Anthony Allan - A forma como usamos a terra e os recursos hídricos no passado negligenciava os impactos ambientais impostos pela agricultura intensiva. Esses custos não se refletem nos preços das *commodities* alimentícias vendidas e compradas internacionalmente, e nem mesmo nos preços dos alimentos no mercado interno. O Brasil não deveria correr para satisfazer a demanda global por sua água, colocando *commodities* no mercado mundial a preços que impossibilitem que o ambiente das terras e dos recursos hídricos do Brasil seja usado de modo sustentável.

IHU On-Line - Como podemos fazer para que essa “água virtual” seja contabilizada e informada para os consumidores? O senhor acredita que isso ajudaria na questão da economia da água?

John Anthony Allan - Será muito difícil fazer com que o valor da água usada na produção de alimentos de origem vegetal e de carne se reflita no preço dos alimentos. Nem os agricultores que produzem as *commodities*, nem os comerciantes que as tornam disponíveis nas economias importadoras de alimentos, nem seus clientes e consumidores estão conscientes do teor de água embutida nelas e de seu valor. É improvável que a regulamentação cause algum impacto porque os números sobre o teor de água são muito imprecisos e podem ser facilmente questionados. Educar os consumidores é uma forma mais provável de mudar seu comportamento e sua forma

de consumo. Os desafios políticos são imensos, especialmente numa economia de mercado.

IHU On-Line - Qual a importância de se divulgar a “pegada da água” e que tipo de ações deve ser pensado como resposta aos resultados apresentados por essa “água virtual”?

John Anthony Allan - O conceito de “pegada de água” é uma forma muito eficaz de contribuir para conscientizar os agricultores, negociantes, supermercados e consumidores a respeito

“A maior parte da água é usada para produzir alimentos. Mais de 80% da água que um indivíduo ou uma economia necessita são usados na produção de alimentos. 70% dessa água é água verde - ou seja, água proveniente de chuva que é retida no solo. A maior parte da produção agrícola do Brasil vem dessa água que está no solo”

do teor de água das *commodities* que eles produzem, vendem ou compram e consomem. A comparação da pegada de água de uma dieta pesada à base de carne de gado que consome 5 m³ de água por dia com a de um vegetariano que consome 2,5 m³ de água por dia apresenta um resultado crasso. Tem-se mostrado que uma dieta pesada à base de carne de gado e outros

produtos de origem animal é muito ruim para a saúde de um indivíduo. Ela também é muito ruim para o meio ambiente aquático.

IHU On-Line - De que forma o tratamento de esgotos contribui para a economia da água? Quanto se gasta de água para fazer um saneamento básico de qualidade?

John Anthony Allan - A maior parte da água é usada para produzir alimentos. Mais de 80% da água que um indivíduo ou uma economia necessita são usados na produção de alimentos. 70% dessa água é água verde - ou seja, água proveniente de chuva que é retida no solo. A maior parte da produção agrícola do Brasil vem dessa água que está no solo. Os outros 30% são constituídos de água azul ou água doce. A água doce vem dos rios e do lençol freático. A água que usamos em casa e para trabalhos que não a agricultura corresponde a entre 10 e 20% da água de que um indivíduo ou uma economia necessita. A proporção depende de quão industrializada é a economia e de quão elevado é o padrão de vida. Os efluentes líquidos e o esgoto são gerados pelo uso doméstico e industrial de água. Mediante um investimento considerável, os efluentes podem ser reutilizados. Mas é preciso lembrar que esses efluentes são sempre uma pequena proporção do total de água de que a sociedade necessita. É cada vez mais possível e apropriado que as economias avançadas invistam na reutilização de efluentes. Mas a decisão política de alocar verbas para investir no tratamento de efluentes urbanos tem de ser ponderada levando em conta o valor do investimento em outros setores, como educação, saúde, comunicações, energia etc. As grandes economias de água podem ser feitas no setor agrícola, onde os volumes de água usados são vastos. Os agricultores tomam conta de toda a água verde. Ao lado com os engenheiros, eles tomam conta de toda a água azul usada na agricultura irrigada. Junto, isto representa 80% da água usada no mundo inteiro. Os agricultores detêm a chave para a segurança da água - especialmente no Brasil.

“A água é exótica ao nosso planeta. Pelo menos na origem”

A preocupação com o destino das águas na natureza pode levar o humano a descobrir as águas na vida e no coração dos homens, entende Evaristo de Miranda

POR GRAZIELA WOLFART

“**N**osso planeta nasceu sem água. Ao longo de bilhões de anos, ele foi esfriando, sem atmosfera, em meio a enormes derramamentos de lava e erupções vulcânicas e sempre recebendo água do espaço exterior. Quem enriqueceu a Terra de água foram os cometas que caíam por aqui. Nossa água veio do espaço sideral. Não é ‘natural’ da Terra. Assim, a queda de um asteroide ou de um cometa pode também significar vida, e não apenas a extinção dos dinossauros”. É assim que o professor Evaristo Eduardo de Miranda explica a origem da água no planeta Terra. Em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, ele defende que a água “não está acabando, conforme a ignorância de alguns anuncia. A água que existia há 100 mil anos é a mesma hoje. Ela pode se tornar inadequada para consumo ou insuficiente diante de uma demanda crescente em determinados lugares. O grande desafio é gerir a água”. Evaristo ainda reflete sobre a água como símbolo em rituais religiosos, mas lembra: “quem proclama a água como símbolo e fonte de vida deveria mencionar que ela é também uma fonte de morte. De muitas mortes. As águas de fontes murmurantes, límpidos regatos, orvalhos reluzentes, chuvas abençoadas e criadeiras são as mesmas das tempestades, trombas d’água, inundações, nevascas, maremotos e tsunamis, aquelas vagas imensas que agora no Chile mataram mais gente do que o próprio terremoto”. Na opinião do engenheiro agrícola, falta gestão da água, tecnologia adequada e recursos financeiros, na maioria das situações. “Na realidade, o desperdício de água é muito, muito pior e maior do que a escassez”.

Graduado em Engenharia Agrícola pelo Institut Supérieur d'Agriculture Rhone Alpes Isara, França, Evaristo Miranda realizou mestrado e doutorado na área de Ecologia na Université de Montpellier II, na França. Atualmente, é pesquisador na Embrapa Monitoramento por Satélite e professor-orientador na USP e na Unicamp. É autor de, entre outros, *Água, sopro e luz - Alquimia do batismo* (2. ed. São Paulo: Loyola, 1995), *A foice da lua no campo das estrelas - Ministar exéquias* (São Paulo: Loyola, 1998), *A água na natureza e na vida dos homens* (Aparecida: Ideias & Letras, 2004) e *A Sacralidade das águas corporais* (São Paulo: Loyola, 2004). Publicou, ainda, o *Guia de curiosidades católicas* (Petrópolis: Vozes, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que análise cosmológica pode-se fazer da água no planeta Terra? Quais os principais pontos que o senhor destaca no processo da origem da água?

Evaristo Miranda - Nosso planeta nasceu sem água. Ao longo de bilhões de anos, ele foi esfriando, sem atmosfera, em meio a enormes derramamentos de lava e erupções vulcânicas e sempre recebendo água do espaço exterior. Quem enriqueceu a Terra de água foram os cometas que caíam por aqui.

Nossa água veio do espaço sideral. Não é “natural” da Terra. Assim, a queda de um asteroide ou de um cometa pode também significar vida, e não apenas a extinção dos dinossauros. Há ainda a hipótese de que até a própria vida tenha chegado ao nosso planeta graças aos cometas. Pode parecer paradoxal, mas, de certa forma, a água é exótica ao nosso planeta. Pelo menos na origem. Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma, dizia o princípio de conservação de

massa do grande cientista Lavoisier.¹ Isso vale para a água. Ela não está acabando, conforme a ignorância de alguns anuncia. A água que existia há 100 mil anos é a mesma hoje. Ela pode se tornar inadequada para consumo ou

¹ Antoine-Laurent de Lavoisier (1743-1794): químico francês, considerado o criador da química moderna. Foi o primeiro cientista a enunciar o princípio da conservação da matéria. Além disso, identificou e batizou o oxigênio, refutou a teoria flogística e participou na reforma da nomenclatura química. Célebre pela sua frase “Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma.” (Nota da IHU On-Line)

insuficiente diante de uma demanda crescente em determinados lugares. O grande desafio é gerir a água.

IHU On-Line - Qual a importância da água para os seres humanos, considerando que nascemos na água e que 70% do nosso corpo é composto de água?

Evaristo Miranda - Sua pergunta já disse tudo. Somos dependentes da água para viver, em nossa fisiologia, para regular nossa temperatura etc. Grande parte dos animais, em particular, os mamíferos, é assim. Não há muito que se orgulhar disso. As plantas são bem mais evoluídas que os animais, apesar de nós, as corujas, os leões e muitos animais pensarmos o contrário. As plantas foram as primeiras a inventar o ovo, bem antes da galinha. Os animais nunca conseguiram libertar sua reprodução do ambiente aquático. As plantas evoluíram e libertaram a sua reprodução do ambiente aquático. Há 200 milhões de anos, os espermatozoides vegetais eliminaram seu flagelo, perdendo a capacidade de nadar. Ao cair sobre um óvulo, o pólen desenvolve um tubo que o penetra até atingir a célula reprodutora feminina. E, por esse tubo, migra o patrimônio genético masculino. Milhões de anos depois, uma segunda invenção ocorreu: a semente. Com ela, as plantas puderam controlar o tempo. Os animais nunca conseguiram. E viajar pelo espaço. Quando um óvulo animal é fecundado, a gestação começa imediatamente. Pouco importa se as condições são favoráveis ou não ao desenvolvimento do feto e ao seu nascimento. Nos vegetais não é assim. Após fecundação, através da dissecação, o embrião entra numa fase de vida muito lenta. O teor médio de água das plantas é de 80%, mas, nas sementes, ele é de 10% ou menos. O embrião para o crescimento. E pode aguardar anos e anos até encontrar um ambiente favorável para germinar. É como se uma mulher fecundada decidisse guardar o feto por 15 ou 10 anos antes de dar início à gestação.

IHU On-Line - Quais as principais ambiguidades que envolvem a água enquanto símbolo cosmológico?

Evaristo Miranda - Quem proclama a água como símbolo e fonte de vida deveria mencionar que ela é também uma fonte de morte. De muitas mortes. As águas de fontes murmurantes, límpidas regatos, orvalhos reluzentes, chuvas abençoadas e criadeiras são as mesmas das tempestades, trombas d'água, inundações, nevascas, maremotos e tsunamis, aquelas vagas imensas que agora no Chile mataram mais gente do que o próprio terremoto. Além das matanças das cheias, afogamentos e naufrágios, um grande número de doenças chega aos humanos por ingestão de água contaminada:

“As plantas são bem mais evoluídas que os animais, apesar de nós, as corujas, os leões e muitos animais pensarmos o contrário. As plantas foram as primeiras a inventar o ovo, bem antes da galinha”

cólera, disenteria amebiana, disenteria bacilar, febre tifóide e paratifóide, gastroenterite, giardise, hepatite infecciosa, leptospirose, paralisia infantil, salmonelose. Outras chegam pelo simples contato com água contaminada: escabiose (sarna), tracoma (mais frequente nas zonas rurais), verminoses. Outras doenças ainda têm na água limpa um estágio do ciclo de vida de seus vetores, como esquistossomose, dengue, febre amarela, filariose e malária. A cólera, a febre tifóide e paratifóide são frequentemente ocasionadas por águas contaminadas e penetram no organismo via cutânea, mucosa ou oral. A água é vida e é morte, no que pesem as idealizações sobre isso.

IHU On-Line - Como entender o uso da água nos rituais religiosos das diversas crenças? Há um significado comum no uso da água nas cerimônias religiosas?

Evaristo Miranda - L. A. White² dizia que o homem é o único animal que distingue a água comum da água benta. Isso vale para os católicos. Acho difícil encontrar um significado comum no uso das águas nas cerimônias religiosas, a não ser naquilo que é mais trivial: poderoso solvente, a água serve para limpar e purificar. Para os cristãos, existe uma sacralidade das águas corporais. As manifestações de sede de Jesus não eram apenas a vontade de um pouco de água. As lágrimas de Jesus não eram um mero fruto da emoção. Ao lavar os pés de seus discípulos, Jesus não cumpria simplesmente um ritual de higiene. As menções evangélicas ao seu suor não podem ser reduzidas ao fruto de um trabalho ou esforço corporal. Ao usar sua saliva para curar cegos e um surdo-mudo, tocando seus olhos, ouvidos e boca com essa líquida secreção, Jesus não escandaliza nenhum dos presentes. Essas águas interiores e corporais de Jesus de Nazaré são a expressão de realidades espirituais e de seus vínculos com pés, mãos, boca, olhos, peito e pele. Esses significados espirituais das águas, os cristãos podem descobrir.

IHU On-Line - Como podemos definir uma mística das águas?

Evaristo Miranda - Na mística judaica, a palavra hebraica águas, maim, da direita para a esquerda e da esquerda para direita pode-se ler ma e mi. Em hebraico, ma e mi correspondem aos pronomes interrogativos “o quê?” e “quem?”. Quem acima do quê? No centro das águas, matriciada como num útero, está a letra iud. Na grafia das águas judaicas, estão colocadas duas questões essenciais para o humano: mi e ma, quem? e o quê?. Quem é Deus? e O que é o homem? Essa perspectiva anda muito longe das visões de máquina de lavar associadas a

² Leslie Alvin White (1900-1975): antropólogo estadunidense conhecido por suas teorias quanto à evolução cultural. Evolucionista mais recente que preconiza o regresso à “culturologia”, isto é, elabora generalizações relativas à evolução cultural. No entanto, a sua obra neoevolucionista teve poucos reflexos na antropologia atual. (Nota da IHU On-Line)

muitos ritos de purificação. Se maim, águas, em hebraico, é sempre plural, em sua multiplicidade, o mesmo ocorre em hebraico com a palavra céus, sh-maim. Textualmente: lá tem águas. Na maior das orações cristãs, a da filiação a Deus (Mt 6,9; Lc 11,2) utilizam-se seis palavras: Pai Nosso que estás nos céus. Em hebraico são duas: Avinu (Painosso) shebashamaim (noscéus). Pai Nosso que está lá onde tem águas, numa leitura poética. Na tradição cristã, existe uma sacralidade das águas corporais, cuja topologia é visitada nos sacramentos e particularmente no rito do batismo, de grande significado espiritual.

IHU On-Line - De que forma a reflexão cosmológica, espiritual e simbólica sobre a água pode ajudar a encontrar um caminho para o problema da escassez dos recursos hídricos no planeta?

Evaristo Miranda - O contrário é mais relevante. A preocupação com o destino das águas na natureza pode levar

o humano a descobrir as águas na vida e no coração dos homens. Esses significados maiores das águas são frutos do discernimento e do amadurecimento pessoal e espiritual. Penetrar no mistério e na riqueza desses úmidos relatos evangélicos sobre as águas corporais e na natureza requer um mínimo de informações e conhecimentos sobre a visão das águas na tradição judaica, na qual se inseria plenamente Jesus, filho de José, bem como os autores dos evangelhos. Requer também um caminhar de discípulo, um mínimo de vivência pessoal e comunitária na defesa da vida, da pessoa, da natureza e da Criação. Quanto à escassez dos recursos hídricos no planeta, excetuando-se regiões desérticas semiáridas que insistimos em ocupar, ela praticamente não existe. É um chavão, repetido gratuitamente. O que falta é gestão da água, tecnologia adequada e recursos financeiros, na maioria das situações. Na realidade, o desperdício de água é muito, muito pior e maior do que a escassez.

LEIA MAIS...

As águas e a sede do humano pela sua humanidade e divindade. Entrevista com Evaristo Eduardo de Miranda, publicada na revista IHU On-Line, número 288, de 06-04-2009, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=etalhe&id=1540

BAÚ DA IHU ON-LINE

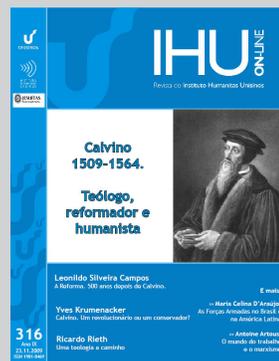
>> A IHU On-Line já abordou a temática da água em outras edições. O material está disponível na página do IHU (www.ihu.unisinos.br).

* *Água: Bem público universal.* Edição número 22, de 17-06-2002, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161372324.7pdf.pdf>

* *Água: bem público universal.* Edição número 60, de 19-05-2003, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161288641.81word.pdf>

* *Água: fonte de democracia global.* Edição número 61, de 26-05-2003, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161288204.65pdf.pdf>

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA WWW.IHU.UNISINOS.BR



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana





Desafios econômico-políticos da televisão brasileira

TV completa 60 anos no Brasil com modelo econômico
 em crise e politicamente contestada

POR VALÉRIO CRUZ BRITTO*

A televisão aberta brasileira completa 60 anos neste ano de 2010, sendo duplamente desafiada. Politicamente, torna-se, a cada dia, mais insustentável que um meio com tamanha consequência na vida dos brasileiros siga fornecendo pautas, orientações e mesmo construções da realidade unicamente a partir de interesses econômicos. Economicamente, está em crise mundial o modelo tradicional de TV, sustentado na publicidade, com um número limitado de canais, baixíssimo nível de interatividade, transmissão de uma única programação por emissora e grade com horários estabelecidos pela operadora.

Começando pela questão política, a contradição televisiva é gravíssima: se a influência da televisão é enorme, sendo a principal fonte de referência da maioria da população brasileira (e em grande parte das vezes de modo exclusivo, já que o índice de leitura é muito baixo no país), são privatizados os atos de midiatização, ou seja, de tornar públicos acontecimentos, reivindicações, posições, identidades e todas as manifestações. Em outras

palavras: o negócio (a venda de publicidade e seu faturamento) é privado, do dono da empresa, mas a definição da agenda, do que tornar conhecido pela sociedade, logicamente não poderia ser.

O paradoxo não é novo. Desde sua implantação no Brasil, o quadro televisivo nacional estabeleceu-se como um mercado conformado por poucas obrigações impostas aos seus operadores, agentes privados que recebem uma concessão do Estado. Sendo uma concessão, deveria cumprir uma série de compromissos para desenvolver tal atividade, que, ao ser delegada pelo ente estatal à iniciativa privada, não perde seu caráter público, por não deixar de interferir (independentemente da valoração) na vida das pessoas, na sua forma de compreender o mundo e de reunir informações básicas para decidir e movimentar-se.

A diferença, agora, é que a sociedade brasileira está mais atenta ao *problema da comunicação*. Nas últimas duas décadas, a sociedade civil tem se mobilizado em prol da democratização comunicacional, não obstante

* Professor titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenador do Grupo de Pesquisa CEPOS (apoiado pela Ford Foundation), doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e vice-presidente da Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC-Federación). E-mail: <val.bri@terra.com.br>

o empecilho maior para publicizar tal luta: a resistência dos conglomerados de mídia, que temem qualquer regulamentação que venha a dar alguma dimensão pública ao setor. Para isso, não raro fazem propaganda quando apregoam desenvolverem jornalismo, como no caso das coberturas extremamente viesadas da Conferência Nacional de Comunicação (Confecom),¹ acontecida em dezembro último.

Mas como hoje existem mais brechas para *driblar* o cerco das tradicionais indústrias culturais, a Confecom realizou-se com a adesão e os resultados satisfatórios, contribuindo para a conscientização de que a comunicação, tendo origem e repercussão públicas, deve ser discutida por toda a sociedade. O controle já existe e não tem como deixar de existir nas sociedades complexas: o que se deve refletir é a mudança de um patamar de controle privado por outro, de controle público. Para isso, é preciso o engajamento do máximo possível do conjunto social, numa discussão que ainda tem muito a ser travada e avançada.

Já no plano econômico, as dificuldades são mais novas, mas não menos graves. Vêm desde os anos 90 do século passado e passam pela proliferação de novas e antigas plataformas de distribuição de conteúdos tradicionalmente concebidos como próprios da televisão. Com isso, ao mesmo tempo

¹ “É fundamental rever o conceito de comunicação”. *Desafio da 1ª Confecom*. Entrevista especial com Bruno Lima Rocha, nas *Notícias do Dia* 16-11-2009, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27558; *A era pós-mídia de massa: a desconfiguração e descentralização da Comunicação*. Entrevista especial com Ivana Bentes, nas *Notícias do Dia* 19-01-2010, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=29&task=detalhe&id=29083. (Nota da IHU Online)

“O receptor mudou, e, hoje, por todas as transformações que afetaram e afetam o mundo, quer participar mais, tendencialmente rejeitando um sistema com poucas opções e uma baixíssima capacidade de intervenção, até para definir quais horários assistir às suas atrações preferidas. Há uma nova TV em ebulição, que está na Internet, em aparelhos móveis (como o telefone celular), na fila, no avião, no ônibus, no trem, no elevador e até no televisor conhecido de todos”

em que mais agentes buscam a atenção do público (a ser *trocada* por dinheiro no mercado, quando se tratam

de empresas, a forma hegemônica), é fragilizado o próprio princípio de venda de publicidade, já que não há uma *garantia* de que o consumidor de televisual prestará atenção nos intervalos comerciais e mesmo que não trocará de canal.

Tudo isso molda a *Fase da Multiplicidade da Oferta*, a qual caracteriza a TV na atualidade, promovendo a intensificação da disputa entre os capitais, o que implica em maior popularização dos conteúdos e, ao contrário do que indica o senso comum, menos diversidade, já que, ao obter êxito, um formato ou temática passa a ser insistentemente explorada pelos demais competidores. A concorrência não se dá mais somente intramídia, mas de forma intermídia, com operadores culturais em suportes diversos, disputando a atenção do público. O problema segue intensificando-se, pela aceleração da inovação tecnológica.

O receptor mudou, e, hoje, por todas as transformações que afetaram e afetam o mundo, quer participar mais, tendencialmente rejeitando um sistema com poucas opções e uma baixíssima capacidade de intervenção, até para definir quais horários assistir às suas atrações preferidas. Há uma nova TV em ebulição, que está na Internet, em aparelhos móveis (como o telefone celular), na fila, no avião, no ônibus, no trem, no elevador e até no televisor conhecido de todos. Tal surgimento de novas concepções televisivas desestabiliza os atuais concessionários, radicalizando a *Fase da Multiplicidade da Oferta* e permitindo afirmar-se que o amanhã será ainda mais diverso do hoje. Mas em qual direção dependerá dos movimentos da humanidade, reforçando hegemonias ou criando novas circularidades.

Destques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 08-03-2010 a 13-03-2010.

“O corpo magro, esbelto, é um corpo de classe”

Entrevista com Joana de Vilhena Novaes

Confira nas Notícias do Dia de 08-03-2010

A aprovação das outras mulheres gera sofrimento e busca desesperada por uma perfeição inatingível, assinala a psicóloga.

As cinco hidrelétricas no Rio Tapajós. “Nenhum rio, no mundo, suporta isso”

Entrevista com Telma Monteiro

Confira nas Notícias do Dia de 09-03-2010

“Hidrelétricas causam prejuízos imensuráveis à biodiversidade”, afirma a coordenadora de Energia e Infraestrutura Amazônia da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé.

Mudanças climáticas: “os pobres são aqueles que sofrerão mais e primeiro”

Entrevista com Aron Belink

Confira nas Notícias do Dia de 10-03-2010

“O problema da discussão do clima é que temos muitas frentes ao mesmo tempo. Nossa meta de cobrar continua”,

aponta o coordenador da campanha Tic Tac no Brasil.

Altercom: Um representante das mídias alternativas
Entrevista especial com Venício Lima

Confira nas Notícias do Dia de 11-03-2010

“Altercom é uma iniciativa que vai no caminho da democratização do mercado da mídia no Brasil”, avalia o professor aposentado da UnB.

As polêmicas relações entre gays e a Igreja Católica

Entrevista com Francis DeBernardo

Confira nas Notícias do Dia de 12-03-2010

“Queremos que as lésbicas e os gays saibam que são bem-vindos na Igreja e queremos que a Igreja saiba que lésbicas e gays são verdadeiramente pessoas de uma fé profunda”, destaca o diretor executivo do New Ways Ministry.

A contribuição das favelas para uma outra política urbana

Entrevista com Eduardo Moreno

Confira nas Notícias do Dia de 13-03-2010

Pesquisador da UN-HABITAT falou sobre as causas da incidência de favelas no mundo e as as novas ideias que surgem nesses espaços urbanos e também sobre a teoria da “cidade compacta”.

**Leia as Notícias do Dia em
www.ihu.unisinos.br**



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

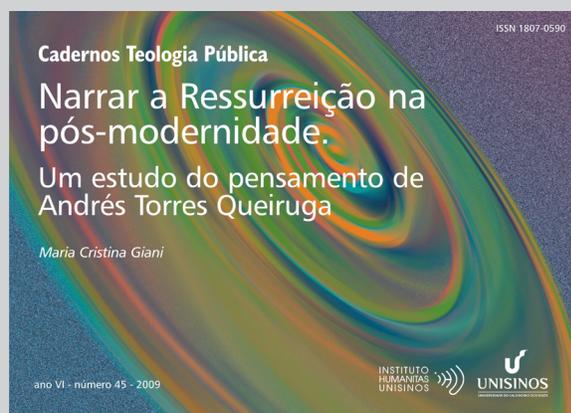
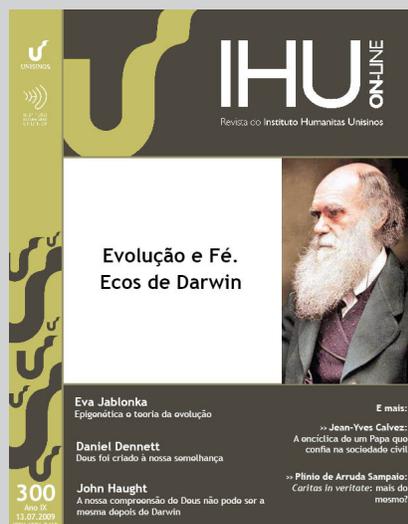
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Sala de Leitura



>> VARELA, Dráuzio. *Por um fio* (São Paulo: Companhia das Letras, 2004)

“A obra de Dráuzio Varella, *Por um fio* (São Paulo: Companhia das Letras, 2004) é um livro que fala de vida e morte; esta última, ainda hoje, um tabu. São crônicas sobre doentes terminais, nas quais o médico apresenta-nos sua percepção a respeito do

tratamento paliativo, que, segundo ele, deve ser um caminho, principalmente, de conforto ao doente; do comportamento dos pacientes e seus familiares e de sua forma de lidar com a situação. Essas observações são interessantes para podermos perceber como o ser humano comporta-se na adversidade, já que as reações podem ser das mais variadas, desde o completo descaso, até o desespero e negação da situação. O médico acaba criando afinidade com seus pacientes pelo fato do tratamento propiciar um convívio maior, e, por isso, ele consegue captar a forma como essas pessoas viveram e, então, relatar suas diversas reações com a proximidade da morte”.



Gisele Rodrigues da Silva Ferrasso, funcionária do Laboratório de Editoração Eletrônica (LEE) da Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos



>> MOTTA, Nelson. *Vale Tudo* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2007)

“Li com muito interesse e prazer o livro que Nelson Motta escreveu sobre a vida e a obra de Tim Maia. Nesse livro, Nelson Motta resgata e revela ao grande público uma personagem marcante e genial da cena cultural brasileira. Capítulo a capítulo

vamos entendendo a evolução pessoal e artística de

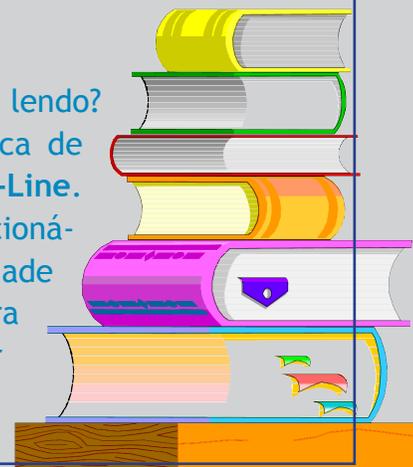
Tim Maia. Versos que se deixam reconhecer na vida vivida do artista. O livro consegue fazer ver o músico de talento, voz e sonoridade excepcionais, conjugadas a um perfeccionismo às raias de obsessão. Tim Maia viveu intensamente. Amou, lutou, gozou, sofreu intensamente. E isto se fez carne e poesia, verdade e fantasia em sua obra musical. Talvez somente uma filosofia trágico-dionisiaca nos possa fazer entender a consigna de Tim Maia e o título do livro: *Vale Tudo* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2007). Vale tudo, o amor e a dor, a alegria e sofrimento. “Vale tudo. Vale o que vier. Vale o que quiser.” Vale tudo, o sentido e o sem sentido, o certo e o errado. Ou traduzindo esta ideia fundamental nos versos do poeta Pessoa “Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. É o merecido reconhecimento de um grande poeta e músico da cultura brasileira e universal. Ótima leitura!”



Celso Candido de Azambuja, professor do Curso e do PPG em Filosofia da Unisinos

Sala de Leitura

>> O que você está lendo? Compartilhe uma dica de leitura com a IHU On-Line. Professores e funcionários da universidade podem escrever para mjunges@unisinos.br



Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 15/3/2010
<p>O III Plano Nacional de Direitos Humanos e a Comissão da Verdade no Brasil - a inacabada transição democrática brasileira Prof. Dr. José Carlos Moreira da Silva Filho - Unisinos Local: Auditório Maurício Berni - Unidade de Ciências Jurídicas - Unisinos</p>
Dia 16/3/2010
<p>O Decálogo de Krzysztof Kieslowski. Ética e Estética MS Marcus Mello - Sala PF Gastal - Usina do Gasômetro e Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta - Unisinos Das 19h30min às 22h -Exibição do filme: Decálogo</p>
Dia 17/3/2010
<p>Das 15h às 17h - Exibição do filme Central do Brasil (Walter Salles, 1998, 112 min)</p>
<p>Um olhar teopoético sobre o filme Central do Brasil (Walter Salles, 1998, 112 min) Prof. Dr. Waldecy Tenório - PUC/SP Das 17h30min às 19h</p>
<p>Exibição do filme Decálogo II (Krzysztof Kieslowski, 1989, 57 min) Debatedor: Prof. Dr. José Roque Junges - Unisinos Das 19h30min às 22h</p>
Dia 18/3/2010
<p>Prof. Dr. Waldecy Tenório - PUC/SP Das 8h30min às 12h - A Teologia e a Outra - A explosão do sagrado na poesia de João Cabral</p>
<p>Prof. Dr. Waldecy Tenório - PUC/SP Das 19h30min às 22h - Palestra: O “claro enigma” de Drummond. A poesia como dádiva - Auditório Central - Unisinos</p>
Dia 20/3/2010
<p>Escola de Formação Fé, Política e Trabalho - 1ª. etapa Dr. Cesar Sanson - CEPAT Caxias do Sul</p>
<p>Jesus visto pelo Cinema MS João Inácio Wenzel Exibição do filme: Jesus Cristo Superstar, de Normam Jewison; Local: Paróquia Nossa Senhora do Rosário e São Benedito Praça do Rosário, s/n - Centro -Cuiabá, MT Horário: das 17 às 20h</p>
<p>Evento: Oficina de Espiritualidade Inaciana Discernimento na perspectiva bíblico-cristã</p>
Dia 21/3/2010
<p>Escola de Formação Fé, Política e Trabalho - 2010 Prof. MS Gilberto Antônio Faggion - Unisinos Economia a serviço da vida ou a vida à disposição da economia?</p>

Eventos

O Decálogo de Kieślowski e o debate sobre os Mandamentos

Marcus Mello analisa a exibição do Decálogo I e acentua que essa série divide a produção do cineasta polonês

Por MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

Uma obra que marca uma guinada temática na filmografia do diretor polonês Krzysztof Kieślowski. Assim é o Decálogo, série de dez filmes que serão analisados dentro da programação da Páscoa IHU 2010. A exibição do *Decálogo I* acontece nesta terça-feira, 16 de março, a partir das 19h30min, na Sala Ignácio Ellacuría e Companheiros, no IHU. O debate subsequente será conduzido por Marcus Mello, da Usina do Gasômetro, de Porto Alegre. De acordo com Mello, “Kieślowski aborda cada um dos mandamentos de forma extremamente original, colocando em permanente discussão a verdade de cada um deles. Sua relação com os dogmas da Igreja Católica não é nem um pouco tranquila e, embora o sentido de sagrado em seus filmes seja uma constante, sua visão muito pessoal dos mandamentos parece revelar uma leitura agnóstica da chamada ‘Lei de Deus’”. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor pode fazer uma breve apresentação de quem foi Krzysztof Kieślowski?

Marcus Mello - Kieślowski foi o principal nome do cinema polonês entre os anos 1980 e 1990, e, sem dúvida alguma, é um dos mais importantes e influentes diretores surgidos nos últimos 50 anos. Sua morte prematura não o impediu de deixar como legado uma obra grandiosa, que reflete sobre o mundo contemporâneo com impressionante lucidez.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza as produções cinematográficas de Kieślowski? Há diferença entre a fase polonesa e a francesa?

Marcus Mello - Kieślowski tem uma obra vasta, mas sua primeira fase é menos conhecida pelo público. Na Polônia, dedicou-se inicialmente ao cinema documental, realizando vários filmes que abordam questões sociais e políticas importantes, mas sem muita repercussão internacional. É a partir do reconhecimento da crítica estrangeira em

relação à série *Decálogo* que seu nome passa a ser conhecido fora da Polônia. O *Decálogo* também marca uma guinada temática em sua filmografia. Seus filmes da fase francesa, que viriam a seguir (*A Dupla Vida de Verônica* e a *Trilogia das Cores*), iriam revelar um cineasta mais preocupado com questões metafísicas, para quem a morte torna-se um tema recorrente e crucial.

IHU On-Line - A série *Decálogo* é baseada nos Dez Mandamentos. Como o diretor aborda cada um deles e os relaciona com conflitos morais?

Marcus Mello - Kieślowski aborda cada um dos mandamentos de forma extremamente original, colocando em permanente discussão a verdade de cada um deles. Sua relação com os dogmas da Igreja Católica não é nem um pouco tranquila e, embora o sentido de sagrado em seus filmes seja uma constante, sua visão muito pessoal dos mandamentos parece revelar uma leitura agnóstica da chamada “Lei de Deus”.

IHU On-Line - Como os temas ética e estética se relacionam na obra do diretor polonês?

Marcus Mello - Ética e estética são elementos indissociáveis no cinema de Kieślowski. Ele foi um diretor que sempre foi movido por preocupações éticas, traduzidas numa obra de profundo sentido humanista.

IHU On-Line - Em que medida o *Decálogo* proporciona aos espectadores a oportunidade de refletir sobre os conflitos contemporâneos?

Marcus Mello - Cada episódio do *Decálogo* está ambientado num conjunto gigantesco de apartamentos em Varsóvia. Este cenário pode ser visto como um microcosmo no qual estão representados os principais conflitos do final do século XX, com suas vertiginosas transformações políticas, tecnológicas e comportamentais. Para muitos críticos, o *Decálogo* é a grande obra sobre o estertor do regime comunista no leste europeu, cuja derrocada (em 1989) ele irá anunciar claramente.

“O *Decálogo*, assim como os filmes da fase francesa de Kieślowski, são um libelo humanista de enorme densidade e profundidade filosófica”

IHUOn-Line-Como os pilares dos princípios cristãos são retratados na obra? De que maneira o diretor conseguiu torná-los universais?

Marcus Mello - Como eu já havia dito, a questão da religião em Kieślowski é nebulosa. Ele chegou a ser acusado de agnóstico por publicações católicas em diversos momentos de sua carreira, já que sua relação com Deus é sempre problemática. Tome-se como exemplo o primeiro episódio do *Decálogo*, que coloca em cena a morte de uma criança e a revolta de seu pai diante desse fato terrível. Ao invadir a igreja e destruir o altar no final do filme, esse pai desesperado desperta no espectador sentimentos ambíguos em relação à justiça de Deus, o que acaba tendo um efeito bastante perturbador.

IHUOn-Line-Apartir dos princípios dos Dez Mandamentos, como Kieślowski retrata os ideais da humanidade: ódio, amor, culpa, sob a perspectiva humanística?

Marcus Mello - O *Decálogo*, assim como os filmes da fase francesa de Kieślowski, são um libelo humanista de enorme densidade e profundidade filosófica. São filmes que revelam sim um sentido de sagrado, mas é como se o diretor identificasse esse sentido apenas no humano e em suas contradições e imperfeições. Sua obra parece dizer que, se Deus existe, esse Deus é cruel e ausente, cabendo apenas ao homem a responsabilidade de alcançar alguma forma de transcendência na vida. Transcendência que se dá, quase sempre, através da criação artística, como mostram as personagens de Irène Jacob em *A Dupla Vida de Verônica* e Juliette Binoche em *A Liberdade é Azul*.

SIGA O TWITTER DO IHU



http://twitter.com/_ihu

Eventos

O filme e a poesia como dádiva e ressurreição

Elementos religiosos pulsam no cinema e na literatura. A visão do teólogo Waldecy Tenório

POR PATRICIA FACHIN

Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, Tenório adianta alguns dos aspectos a serem ponderados nos dias 17 e 18 de março, quando comentará o filme *Central do Brasil*, de Walter Salles. Além disso, ele relaciona teologia e literatura na obra de João Cabral e interpreta a poesia de Drummond. Na opinião dele, o filme *Central do Brasil* lança três olhares sobre a realidade brasileira que correspondem aos termos da dialética de Hegel: tese, antítese e síntese. A obra tem ainda uma visão teopoética, ou seja, “a realidade não se esgota nos elementos sociológicos que são apresentados ao longo do filme”. Para apreender a realidade como um todo, menciona, o filme “também aponta para a dimensão teológica da vida, mostrando que sem ela nossa visão da realidade é sempre mais incompleta”. E resume: “O olhar teopoético significa a passagem da imanência para a transcendência”.

Relacionando o filme com a teologia contida na obra literária de João Cabral, Tenório diz que o autor descobre que “somos muitos Severinos iguais em tudo na vida”. E quando faz essa descoberta, enfatiza, “João Cabral, como Josué, chega bem perto do pai. E aí, ‘o gemido mais gemido acaba em explosão’. A explosão do sagrado.”

A leitura teopoética também serve como referência para a releitura que Tenório faz da poesia de Drummond. Ele explica: “É uma transleitura que pretendo fazer, e nessa transleitura descubro elementos religiosos pulsando no fundo do texto”. *Central do Brasil* será exibido na quarta-feira, 17 de março, das 15 às 17h. O debate acontece das 17h30min às 19h.

No dia seguinte, 18 de março, Waldecy Tenório ministra a palestra A Teologia e a Outra - A explosão do sagrado na poesia de João Cabral, das 8h30min às 12h. Às 19h30min, o professor aborda O “claro enigma” de Drummond. A poesia como dádiva. Todos os eventos acontecem na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

Tenório estudou no Seminário de Olinda, é licenciado em Letras Clássicas e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. É autor de *A Bailadora Andaluza: a Explosão do Sagrado na Poesia de João Cabral* (São Paulo: Ateliê Editorial, 1996) e de vários ensaios sobre ficção e teologia. Foi pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP e é, atualmente, professor associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que olhares o filme “Central do Brasil” propõe sobre a realidade brasileira?

Waldecy Tenório - Talvez se possa dizer desse filme que ele lança três olhares sobre a realidade brasileira, e esses três olhares correspondam aos três termos da dialética hegeliana:

na: tese, antítese, síntese. Claro que podemos descobrir outros olhares, afinal, a obra de arte tem infinitas possibilidades de interpretação. Mas vou me fixar nesses três. O primeiro olhar revela o negativo sociológico em toda a sua crueldade: a miséria, a corrupção, a exploração de uns pe-

los outros, a violência camuflada, a degradação das pessoas, o crime organizado e assim por diante. É a tese. O segundo olhar, porém, descortina outro panorama no qual se destaca, em meio ao negativo sociológico, o traço positivo presente nos que teimam em descobrir, apesar de tudo,

o sentido das coisas. É a antítese. O terceiro olhar opera um deslocamento de planos de tal modo que ao plano sociológico vem se juntar o plano metafísico, completando o primeiro e ampliando o significado da obra. É a síntese.

IHU On-Line - Pode nos descrever o que significa esse olhar teopoético que o senhor percebe no filme?

Waldecy Tenório - O primeiro olhar, que chamei de sociológico, mostra uma rede de degradação que engloba todo o espaço do filme, desde o território da estação dos trens, passando pelos subúrbios cariocas até o Nordeste brasileiro. O segundo olhar acompanha as personagens centrais, Dora e Josué, pelos diversos estágios da transformação pessoal de cada um. O terceiro olhar, que chamo de teopoético, junta-se aos dois primeiros para nos oferecer uma visão mais completa da realidade ao colocar o metafísico como elemento indispensável para a compreensão do filme. Enfim, esse olhar teopoético sabe que a realidade não se esgota nos elementos sociológicos que são apresentados ao longo do filme. Por isso, para apreender a realidade como um todo, o filme engloba os elementos sociológicos, mas também aponta para a dimensão teológica da vida, mostrando que sem ela nossa visão da realidade é sempre mais incompleta. E então, a busca de Josué pelo pai torna-se metáfora de uma outra busca... E se lembrarmos o conceito de metáfora ascendente proposto por André Breton¹, o olhar teopoético significa a passagem da imanência para a transcendência.

IHU On-Line - Resumidamente, o fil-

¹ **André Breton**: criador do movimento artístico e literário conhecido como Surrealismo, surgido na França, no início do século XX. Em 1924, André Breton publica o Primeiro Manifesto Surrealista. A sua pretensão é conseguir a escrita automática, o fluxo do subconsciente liberado de todas as pressões sociais e culturais. A influência da psicoanálise e das obras de Freud é evidente, e, na sua base, reside a ideia de conseguir mudar a sociedade. Para isso, a escrita deve ser pura, refletindo unicamente aquilo que pensamos, sem correções nem retificações impostas pela “autocensura” que todos exercemos. (Nota da IHU On-Line)

“O filme, porém, tem a esperança de Horkheimer: que o sistema assassino não seja a última palavra, e que, no fim, o assassino não triunfe sobre as vítimas inocentes”

me trata da história de um garoto em busca do pai e de uma mulher à procura de seus sentimentos. Em que medida isso revela o jeito humano de ser, de mudar o curso de histórias em busca de algo melhor?

Waldecy Tenório - Essa pergunta nos permite retomar uma questão já levantada na resposta anterior. Ela se reporta justamente àquilo que o olhar teopoético desvenda: a dimensão metafísica e teológica da realidade na qual estamos inteiramente mergulhados. Dora vive dentro do negativo sociológico de que falamos antes. Josué idem. No entanto, nem esse negativo sociológico consegue apagar neles a insustentável nostalgia do ser. E eles se põem a caminho, Josué em busca do pai, Dora em busca de si mesmo. Assim somos feitos, esse é o jeito humano de ser. Descobrir seus sentimentos? Sim, descobrir um sentido para a sua existência. Sinto, logo existo, Leonardo Boff² contrapõe essa fórmula ao cogito cartesiano. E é por aí que Josué e Dora mudam a sua história.

² **Leonardo Boff** (1938-): teólogo brasileiro. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da **IHU On-Line**, número 209, de 18-12-2006, e concedeu uma entrevista sobre a Teologia da Libertação na **IHU On-Line** número 214, de 02-04-2007. Sua contribuição mais recente à nossa revista aconteceu na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, com a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - De que maneira o filme oportuniza a reflexão sobre os conflitos contemporâneos, sobretudo no que diz respeito à realidade do Brasil?

Waldecy Tenório - Sendo exatamente o que ele é, ou seja, uma obra de arte, e não um desses panfletos políticos em que não acreditamos mais. Evidentemente, a arte não demonstra nada, não prova nada e, mesmo assim, é irrefutável. O que acontece? Acontece, e Nietzsche³ percebeu isso, que há nela um aspecto que, muitas vezes, escapa à nossa percepção: o seu processo de “feitura”, a ontologia escondida na questão do vir-a-ser. Desse modo, o filme pode ser visto como uma grande interrogação e é assim que ele nos leva a refletir sobre os conflitos contemporâneos no Brasil e no mundo. Por que as coisas não seriam diferentes? Dora e Josué, como todos, são vítimas de um sistema assassino. O filme, porém, tem a esperança de Horkheimer⁴: que o sistema assassino não seja a última palavra, e que, no fim, o assassino não triunfe sobre as vítimas inocentes.

IHU On-Line - Além de comentar o filme, o senhor ministrará uma palestra sobre João Cabral. Como se dá

³ **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266308.88pdf.pdf>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela **IHU On-Line** edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158346362.52pdf.pdf>. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009658.17pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Max Horkheimer** (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

a explosão do sagrado na poesia de João Cabral?

Waldecy Tenório - É verdade, vou examinar essa questão na aula que darei no curso de Letras, na qual retomarei a tese central do meu livro *A Bailadora Andaluza*, que é a seguinte: a obra de João Cabral⁵, um homem confessadamente ateu (“Eu não tenho esse negócio de transcendência não”), está contaminada pela teologia. Bom, mas há aqui uma primeira questão a ser elucidada: de que teologia se fala? Dessas terríveis teologias do poder? Não, nada disso. Quando falo em teologia, estou falando de uma sabedoria universal, de um sentimento do divino que nos ensina que somos todos irmãos. No percurso de sua obra poética, João Cabral descobre exatamente isso. Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida. É quando faz essa descoberta que João Cabral, como Josué, chega bem perto do pai. E aí, “o gemido mais gemido acaba em explosão”. A explosão do sagrado.

IHU On-Line - O senhor ainda completa o evento, ministrando uma palestra sobre Drummond. Em que consiste o claro enigma de Drummond?

Waldecy Tenório - Em que consiste o “claro enigma” de Drummond é o clímax da palestra que vou ministrar. Quer mesmo que lhe conte agora? De qualquer maneira, não adiantaria deixar o gato escondido com o rabo de fora e, por isso, vou dizer logo duas ou três coisas sobre o assunto. O que vou apresentar nessa palestra é “uma certa” leitura de Drummond. Digo “uma certa leitura” porque toda obra permite, como lembrei antes, infinitas possibilida-

5 João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil. Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com vários prêmios literários. Confira a edição 310 da Revista IHU On-Line, de 05-10-2009, intitulada *A segura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1254772161.0514pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

“Haverá uma dimensão religiosa para explicar a poesia?”

des de interpretação. Então escolhi a minha: uma leitura teopoética. Em que consiste? Em olhar o texto em todas as suas possibilidades semânticas, prestando atenção na sua literariedade e também nos elementos extrínsecos para os quais ela aponta. Em outras palavras, é uma transleitura que pretendo fazer, e, nessa transleitura, descubro elementos religiosos pulsando no fundo do texto. Esses elementos falam de uma ausência, e essa ausência, para lembrar uma expressão de Derrida⁶, invoca uma presença “por detrás”. É por aí que pretendo desvendar o enigma de Drummond.

IHU On-Line - Como o senhor entende a poesia enquanto dádiva?

Waldecy Tenório - Quando falei desse tema, a dádiva, estava pensando no grande ensaio de Marcel Mauss⁷.

6 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158265374.73pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

7 Marcel Mauss: refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, pode-se ler a entrevista de Alain Caillé publicada na IHU On-Line, n.º 96, de 12 de abril de 2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158260072.35pdf.pdf>. *A Felicidade e o útil*, organizado por Alain Caillé, Christian Lazzeri e Michel Senellart. O pensamento de Mauss foi tema da palestra A economia do dom e a visão de Marcel Mauss, realizada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento Alternativas para outra economia, em

Ao estudar este ensaio, em *O Enigma da Dádiva*, Maurice Godolier⁸ chega à conclusão de que Mauss invoca uma dimensão religiosa como explicação da dádiva. Haverá uma dimensão religiosa para explicar a poesia? Paul Valéry⁹ fala em “valor de infinitude” da linguagem. Greimas¹⁰ fala em mistério. O Platão do Fedro fala da origem sobrenatural da poesia. São coisas muito altas. E ela, a poesia, o que nos diz? Pela voz de Valéry, outra vez, ela diz: “Je suis em toi le secret changement” (eu sou em ti a secreta mudança). Não é uma dádiva, isso?

LEIA MAIS...

>> Waldecy Tenório já concedeu outras entrevistas para a IHU On-Line. O material está disponível na nossa página eletrônica www.ihu.unisinos.br

- *Camus entre a emoção e a graça*. Publicada em 3/2/2010. Disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=29383;
- *“Meu Deus e meu conflito”*. *Teologia e literatura*. Edição número 251, de 17/3/2009, intitulada *O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre teologia e literatura*. Disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=924;
- *“Uma dor comum na consciência”*. Edição número 221, de 27/5/2008, intitulada *Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez*. Disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=438.

10-10-2006. (Nota da IHU On-Line)

8 Maurice Godelier (1934): antropólogo francês influente que advoga a incorporação do marxismo com a antropologia. Foi Directeur d'études na École des Hautes Études en Sciences Sociales. (Nota da IHU On-Line)

9 Ambroise-Paul-Toussaint-Jules Valéry (1871-1945): filósofo, escritor e poeta francês da escola simbolista. Seus escritos incluem interesses em matemática, filosofia e música. Sua obra poética foi influenciada por Stéphane Mallarmé e influenciou Jean-Paul Sartre. Seu primeiro livro é *Introduction à la méthode de Léonard de Vinci* (1895) e *Discours en l'honneur de Goethe* (1932). (Nota da IHU On-Line)

10 Algirdas Julius Greimas (1917-1992): linguista lituano, de origem russa, que contribuiu para a teoria da semiótica e da narratologia, além de ter prosseguido diversas pesquisas sobre mitologia lituana. (Nota da IHU On-Line)

“Decálogo” de Kieślowski: o cinema repensando a ética

Em “Decálogo”, diretor polonês Krzysztof Kieślowski aborda questionamentos éticos a partir de cenas do cotidiano, embasadas nos mandamentos bíblicos

POR MOISÉS SBARDELOTTO

É difícil qualificar o que o diretor polonês Krzysztof Kieślowski (1941-1996) conseguiu realizar em sua obra “Decálogo” (1988), um projeto de dez médias-metragens. Seria um filme dividido em dez partes ou uma série para a televisão? Uma obra laica, já que nunca se refere a Deus, ou que possui uma teologia profunda, cujo título apenas faz referência? Seria uma obra que faz refletir sobre graves questões éticas que embasam o agir humano, ou, pelo contrário, apresenta a complexidade da vida humana, mostrando que qualquer lei moral ou valor ético são de um simplismo quase infantil?

O próprio Kieślowski nos ajuda a desfazer um pouco o mistério de sua obra. “Durante 6.000 anos, essas regras [os Mandamentos] estiveram inquestionavelmente certas. E, mesmo assim, nós as desobedecemos todos os dias. As pessoas sentem que algo está errado na vida. Há uma espécie de atmosfera que faz com que as pessoas, agora, se voltem para outros valores. Elas querem contemplar as questões básicas da vida, e provavelmente é essa a real razão para querer contar essas histórias [em ‘Decálogo’]”.

É por isso que o programa Páscoa IHU 2010 irá exibir os dez episódios que compõem a obra “Decálogo” a partir desta terça-feira, 16 de março. Nesse dia, o mestre em Literatura Marcus Mello, responsável pela programação da Sala P. F. Gastal, de Porto Alegre, e a Prof^a. Dr^a. Cleusa Maria Andreatta, do IHU, irão abordar “O Decálogo de Krzysztof Kieślowski. Ética e Estética” junto com a exibição do primeiro episódio. Cada um dos demais episódios será exibido em dias diferentes, com a presença de diversos especialistas para comentar os filmes. A programa-



ção completa pode ser conferida em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_eventos&Itemid=19&task=detalhe&id=177.

A ética do cotidiano

Em “Decálogo”, as dez histórias, independentes, possuem uma unidade temática e narrativa rara. Kieślowski manteve a mesma equipe técnica durante a realização de todos os episódios, com exceção do diretor de fotografia, que mudava em cada filme. A série completa, originalmente, foi produzida para a TV polonesa, coescrita por Krzysztof Piesiewicz, com trilha sonora de Zbigniew Preisner.

As dez histórias se passam em um conjunto residencial da Varsóvia, na Polônia contemporânea, onde pessoas comuns enfrentam problemas cotidianos, mas que apresentam profundas questões existenciais sobre amor, culpa, solidão, amizade, tristeza, medo, colocando em xeque o sentido da condição humana.

A obra, muito aclamada pela grande maioria dos críticos, é hoje considera-

da a obra-prima de Kieślowski, um dos diretores europeus mais influentes da história do cinema. É autor de outros clássicos como “A dupla vida de Veronique” (1990) e a “Trilogia das Cores” (“A liberdade é azul”, 1993, “A igualdade é branca” e “A fraternidade é vermelha”, ambos de 1994). Com “Decálogo”, Kieślowski ganhou nove prêmios internacionais, incluindo o prêmio da crítica da 13ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, de 1988, e o prêmio FIPRESCI do Festival de Cinema de Veneza do mesmo ano.

O projeto inicial da obra envolvia a produção de um pequeno filme sobre cada um dos Dez Mandamentos, a ser exibido na TV local. Mas Kieślowski preferiu uma reflexão mais ampla, a partir da decadência dos valores em uma Polônia em transformação durante o século XX, marcada pelo nazismo e pelo ateísmo. Ao iniciar os trabalhos, porém, preferiu retirar todas as referências históricas e geográficas locais e deu dimensões mais universais à obra.

Assim, mesmo que a história se passe em um apartamento frio e



profunda sobre as possibilidades e os limites éticos da convivência humana nas situações mais comuns do dia-a-dia. Em uma análise cristã, a Páscoa nos lembra as consequências extremas que nossas decisões podem

acarretar, mesmo que vislumbremos sempre a vitória, manifestada na Ressurreição de Cristo. Em uma perspectiva laica, a vida nos propõe desafios e situações em que nos é exigido um posicionamento, uma resposta pessoal. Nossa esperança é que essa contrapartida pessoal nos leve à felicidade. Por isso, acompanhando as histórias de “Decálogo”, podemos pensar sobre a nossa postura ética diante de situações extremas que talvez ainda não vivemos, ou diante de situações comuns que enfrentamos cotidianamente, mas cujas consequências passam-nos despercebidas.

Os desafios da convivência humana

monótono de um país do Leste Europeu, na verdade, dentro daquelas paredes, desenvolve-se um drama universal: um pai e professor universitário, dividido entre a crença científica e a fé religiosa; uma mulher que engravida de seu amante e resolve abortar; outra mulher que, para procurar seu marido desaparecido, pede ajuda a um antigo amante; uma jovem de 20 anos que descobre, por meio de cartas escritas pela mãe, que o homem viúvo com quem vive não é seu verdadeiro pai; três personagens (um desempregado, um taxista e um advogado novato) reunidos por causa de um crime; um jovem que declara seu amor a uma vizinha; uma garota que entrega sua filha para a avó criar; o encontro entre uma pesquisadora judia com sua ex-professora universitária que, há 45 anos, negara-lhe ajuda durante a Segunda Guerra Mundial; uma mulher que se envolve com um jovem amante após descobrir a impotência sexual de seu marido; uma família em busca de segurança após a morte de seu patriarca, um filatelista, que deixou uma grande fortuna.

Histórias singelas e comuns, mas que questionam profundamente, em cada decisão, em cada circunstância,

Foi por isso que outro grande diretor do século XX, Stanley Kubrick,¹ do clássico “Laranja Mecânica” (1971), relutou em escrever um posfácio ao livro publicado com os roteiros de “Decálogo”, exatamente para não simplificar e reduzir a obra. Porém, afirma Kubrick, Kiesłowski e Piesiewicz² “tiveram a habilidade muito rara de dramatizar suas ideias, em vez de apenas falar sobre elas”. Ao apresentá-las por meio da ação dramática da história, comenta Kubrick, “eles ganharam o poder adicional de permitir que os espectadores descubram o que realmente está acontecendo”, em vez de simplesmente ficarem sabendo por meio de um narrador. Segundo ele, em “Decálogo”, “você nunca vê as ideias vindo e só percebe muito depois o quão profundamente elas atingiram o seu coração”.

Em época de preparação para a Páscoa, a obra irá permitir uma reflexão

1 Stanley Kubrick (1928-1999): um dos cineastas mais importantes do século XX, responsável por uma carreira notável, regular e bem-estruturada que gozou de uma excelente recepção crítica. De seus filmes, destacamos 2001: uma odisseia no espaço, Laranja mecânica e O Iluminado. (Nota da IHU On-Line)

2 Krzysztof Marek Piesiewicz (1945): advogado, cineasta e político. (Nota da IHU On-Line)

profunda sobre as possibilidades e os limites éticos da convivência humana nas situações mais comuns do dia-a-dia. Em uma análise cristã, a Páscoa nos lembra as consequências extremas que nossas decisões podem

Nesse sentido, há em toda a série um personagem anônimo, interpretado por Artur Barciś, que não fala absolutamente nada, em nenhum dos filmes, apenas presenciando os momentos chave das histórias, sem nunca tomar parte neles. Alguns veem nesse personagem a representação do divino. Mas, talvez, essa seja a postura que nós, enquanto espectadores, somos chamados a ter: durante a exibição, apenas acompanhar de perto tudo aquilo que os personagens vivem, sem julgá-los. Depois que as luzes se acendem, do lado de fora da sala de exibição, nossa vida diária nos oferecerá, talvez, as mesmas situações. E, nesse momento, seremos convidados a fazer uma escolha pessoal, não mais embasada em “tábuas de pedra”, mas sim em “tábuas de carne”, em nossos corações, como diria Paulo de Tarso, séculos mais tarde, a respeito do Decálogo bíblico. Para que “vivais e sejais felizes, e vossos dias se prolonguem”, como disse Moisés, há 6.000 anos, ao transmitir os mandamentos ao povo.

IHU Repórter

João Zani

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES | FOTOS ARQUIVO

“Sou uma pessoa informal. Onde trabalho, questiono o excesso de hierarquias, e estou permanentemente preocupado em ter uma relação muito próxima com aqueles com quem convivo. Meu expediente sempre vai até mais tarde para que meus orientandos e aqueles professores que queiram fazer um contato comigo possam encontrar-me”. Esses são alguns aspectos do novo pró-reitor de administração da Unisinos, João Zani. Na entrevista a seguir, concedida pessoalmente à IHU On-Line, ele conta mais sobre sua vida, projetos, trajetória acadêmica e profissional. Confira.



Origens - Nasci em Carlos Barbosa, na Serra Gaúcha. Meus pais eram agricultores. Além disso, meu pai era ferreiro e fabricava ferramentas para a agricultura. Somos uma família de sete irmãos. Sou o penúltimo deles. Minha mãe nasceu na Itália. Sua família veio de navio e inicialmente ficaram na região de Campinas. Depois, meu avô veio para a Serra Gaúcha e resolveu buscar a família em São Paulo. Aí se instalaram num pequeno local chamado Castro.

Da época de guri, lembro muito dos jogos de futebol. Durante muito tempo, joguei como zagueiro no Serrano Futebol Clube e de ala na Associação Carlos Barbosa de Futebol (ACBF), antes dela se tornar profissional. Lembro muito de dois colegas dessa época, Agostinho Fachini e Clóvis Tramontina. Jogávamos bola juntos e somos amigos até hoje.

Estudos e trabalho - Estudei no Grupo Escolar Carlos Barbosa, e depois no Ginásio Santa Rosa, onde fiz o curso de técnico em contabilidade. Trabalhei na Tramontina durante cinco anos. Iniciei lá aos 13. Aos 18, eu era

supervisor de expedição, com mais de 50 pessoas subordinadas a mim. Resolvi sair de lá para trabalhar no Banrisul e, nesse tempo, cursei Ciências Econômicas na Universidade de Caxias do Sul (UCS). No primeiro semestre, fui reprovado pelo professor de Cálculo. Eu sempre tive excelentes avaliações na escola. No início da faculdade, eu pequei por excesso de confiança. Nunca esqueço disso. A reprovação foi algo desafiador para mim. No dia da formatura, recebi o título de menção honrosa, pois havia obtido a melhor média da turma e tirado o primeiro lugar. Assim, no final das contas, aquela reprovação foi excelente, pois chamou minha atenção.

No Banrisul de Carlos Barbosa, trabalhei 5 anos e fiz vários contatos importantes. Depois, fui para a direção geral do banco, como economista, assessor técnico do banco. Assumi a superintendência de planejamento do banco, cargo mais alto na hierarquia dessa instituição. Fui o mais jovem a assumir esse cargo até então. Depois, passei a superintendente financeiro, diretor da CEEE e, há 8 anos, faço parte do conselho de administração

do Banrisul, como representante dos acionistas minoritários e da Fundação Banrisul. Também sou membro do conselho de administração da Recrusul e da Minuano Alimentos.

Unisinos - Saí de Carlos Barbosa para ser assessor técnico do Banrisul. Lá havia um professor da Unisinos, e ele convidou-me para fazer um estágio. Logo que concluí minha graduação, já fui convidado a lecionar na UCS. Meu colega Urbano Knist, que lecionava aqui na Universidade, chamou-me para fazer um estágio probatório no ex-centro cinco. Fiz parte do time de professores liderados pelo professor Alexandre Wertes. Assim, por um ano, acompanhei outros professores nesse estágio. Fui contratado em 1981 pela Unisinos. Continuei trabalhando no banco e lecionando de duas a três vezes por semana.

Educação contínua - Durante esse período, cursei especializações em Marketing e Contabilidade na Unisinos, em Economia, na PUCRS, e em Finanças, na UFRGS. Nunca fiquei sem estudar. O banco me permitiu essa for-

mação constante. Foi um privilégio na minha carreira. Em 1996, iniciei um mestrado em Administração no consórcio Unisinos/PUC-Rio, concluindo-o em 1998. Em 1999, saí do Bannisul e, em 2000, iniciei meu doutorado na UFRGS. Em 2005, completei o curso. Tive a oportunidade de fazer um doutorado sanduíche na Universidade de Nova Iorque. Em 2006, ingressei no PPG de Ciências Contábeis da Unisinos, no qual leciono a disciplina de Estratégia Financeira e Criação de valor nas organizações, e oriento quatro mestrados. Além disso, coordeno o MBA de Finanças há uns dez anos. Este ano, estou abrindo mão desse cargo em função de minhas novas atribuições. Já lecionei em graduações, MBAs e nos cursos de cooperativismo.

Novo desafio - Minha experiência de gestão sempre havia sido em área bancária e de empresas. Eu não planejava mais voltar para a área executiva. Mas, há dois anos, fui convidado para ser diretor de educação continuada e tive que passar por um processo de reciclagem e aprendizagem. Mas foi um desafio muito interessante, pois fizemos com que a unidade crescesse significativamente e abrimos mercado na Serra gaúcha e em Porto Alegre. Considero grande a minha contribuição à formação da equipe de trabalho que ainda estava em andamento. Há dois meses, atuo na Reitoria, no cargo de pró-reitor de administração, e novamente num processo de reciclagem e aprendizagem. Vou trabalhar forte e com uma dedicação especial ao projeto de transformação da Unisinos numa universidade protagonista, empreendedora e reconhecida pela excelência de seus cursos de graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão. Já estamos trabalhando no desenvolvimento de uma marca forte para a pós-graduação da Unisinos. Queremos ser percebidos pelo mercado na linha da diferenciação pela excelência da qualidade acadêmica. Temos um projeto estratégico de crescimento e expansão da universidade.

Meu principal desafio agora é de liderar a execução desse projeto estratégico e de expansão. Este é um momento desafiador em todos os sentidos para a Unisinos, mas estou muito otimista em relação ao seu futuro. O projeto de diferenciação por qualidade é muito claro para nós.

Família - Sou casado com a Maria Justina Bassotto Zani, a Tina, há 27 anos. Tenho dois filhos: o Thobias, já formado pelo nosso novo curso de Administração - Gestão para Inovação e Liderança, e a Joanna, que concluiu o Ensino Médio e vai cursar Engenharia Química. A família é extremamente importante para mim. Como pai, foi uma experiência muito interessante viver a diferença de relação existente entre pai e filho e pai e filha. Eu não tinha essa percepção, e ela foi muito marcante para mim.

Autor - Com o livro *Desafio dos Deuses a Fascinante História do Risco*, Peter L. Bernstein tem meu reconhecimento.

Livro - Vou ficar na minha área. Um livro que me ajuda a entender o momento que vivemos é o *Capitalismo Global - História Econômica e Política do Século XX* de Jeffrey A. Frieden e um livro que li nas férias e está me ajudando na gestão da universidade é a *Hélice Tríplice - Universidade-indústria-governo Inovação em movimento* de Henry Etzkowitz.

Filme - *Mente brilhante* é um filme que retrata a vida de John Nash (Russell Crowe), um gênio da matemática que, aos 21 anos, formulou um teorema que provou sua genialidade e o tornou aclamado no meio onde atuava, posteriormente reconhecido com o prêmio Nobel.



Lazer - Continuo praticando futebol. Caminho quase que diariamente e mantenho um bom ritmo de leitura técnica. Gosto de assistir futebol, e sou Colorado.

Sonhos - Em termos pessoais, manter uma família unida e feliz e que meus filhos se realizem pessoal e profissionalmente. Em termos profissionais, sonho e desejo que o projeto estratégico da Unisinos de universidade protagonista, empreendedora e inovadora se transforme em realidade percebida por toda a sociedade.

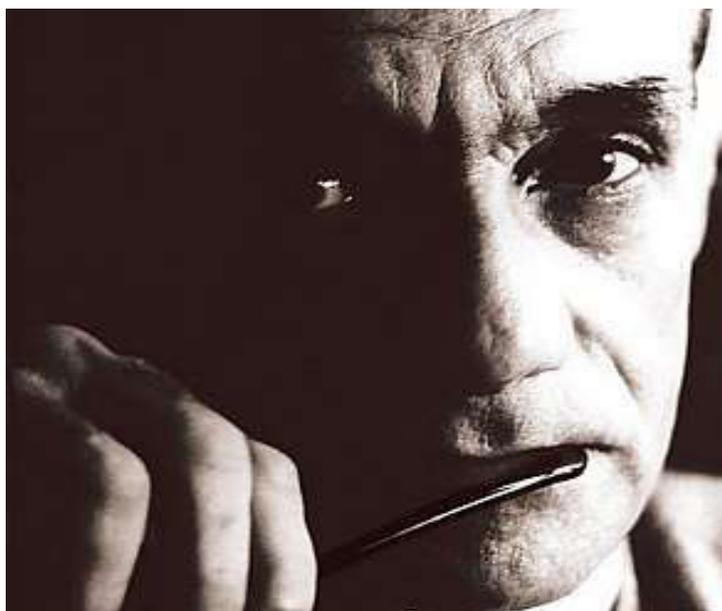
Unisinos - É uma universidade Jesuíta, pública não-estatal, preocupada em promover a formação integral da pessoa humana para o desenvolvimento da sociedade. Tem um projeto de ser uma universidade protagonista, empreendedora e inovadora e que se preocupa em transformar o conhecimento em bem-estar da sociedade. Nessa lógica, a Unisinos é aberta para as pessoas, para o mundo empresarial e para os governos. Aqui se faz um esforço enorme para viabilizar um parque tecnológico em seu entorno, promovendo uma reconversão de São Leopoldo e da região embasada na tecnociência. Nesse sentido, a Unisinos busca gerar crescimento, desenvolvimento com sustentabilidade.

IHU - É um instituto de pensamento e filosofia que discute os temas de fronteira do conhecimento nos debates contemporâneos. Ele tem um papel fundamental dentro da Unisinos.

Destaques

Eucaristia é tema de curso no IHU

Para ajudar a entender o “mistério da fé” católica, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU traz para a universidade o Prof. Dr. Pe. **Cesare Giraudo**, da Pontifícia Universidade Gregoriana, da Itália, e do Pontifício Instituto Oriental, como parte da programação da **Páscoa IHU 2010**. Giraudo irá ministrar o curso *Eucaristia: Da Liturgia à Vida* entre os dias 22 e 25 de março, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Sacerdote jesuíta e teólogo italiano, Giraudo viveu muitos anos em Madagascar, na África, desenvolvendo seu ministério pastoral.

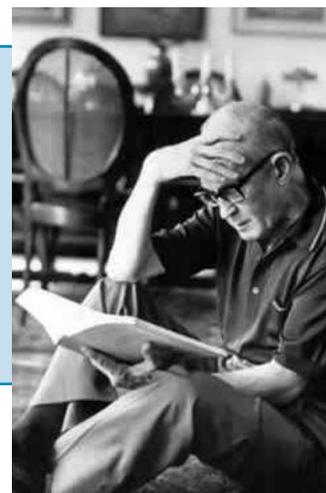


Uma explosão do sagrado

Em 18 de março, a partir das 8h30min, o teólogo **Waldecy Tenório** falará sobre *A teologia e a outra - A explosão do sagrado na poesia de João Cabral de Melo Neto*. O evento é parte da programação de **Páscoa IHU 2010**. O professor da PUC-SP acentua que a obra de João Cabral, um homem confessadamente ateu (“Eu não tenho esse negócio de transcendência não”), está contaminada pela teologia.

O “claro enigma” de Drummond. A poesia como dádiva

Outra atividade da **Páscoa IHU 2010** é a palestra *O “claro enigma” de Drummond*. A poesia como dádiva, proferida pelo Prof. Dr. **Waldecy Tenório**, da PUC-SP. O evento acontece no Auditório Central da Unisinos, em 18 de março, a partir das 19h30min. A leitura teopoética também serve como referência para a releitura que Tenório faz da poesia de Drummond.



Apoio:



IHU Contracapa

